



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS PROF. DR SÉRGIO JACINTHO LEONOR DE ARRAIAS
CURSO DE TURISMO PATRIMONIAL E SOCIOAMBIENTAL

Wagner Pereira dos Reis

Inventário do Patrimônio Cultural: estudo da Comunidade Kalunga
Riachão- Monte Alegre-GO

Arraias – TO

2019

Wagner Pereira dos Reis

**Inventário do Patrimônio Cultural: estudo da Comunidade Kalunga
Riachão- Monte Alegre-GO**

Relatório Técnico Científico apresentado à
Universidade Federal do Tocantins, Câmpus
Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor como pré-
requisito para avaliação parcial na disciplina
Estágio do Curso de Turismo Patrimonial e
Socioambiental, para obtenção do título de
Tecnólogo em Turismo. Sob a orientação da
docente Dr^a. Valdirene Gomes dos Santos de
Jesus.

Arraias – TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- R375i Reis, Wagner Pereira dos Reis .
 Inventário do Patrimônio Cultural: estudo da Comunidade Kalunga
 Riachão- Monte Alegre-GO: Estudo da Comunidade Kalunga Riachão- Monte
 Alegre-GO . / Wagner Pereira dos Reis Reis. – Arraias, TO, 2019.
 85 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Arraias - Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental,
 2019.
 Orientador: Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

 1. Saberes e Fazeres Kalunga.. 2. Patrimônio Cultural. . 3. Comunidade
 Quilombola Kalunga Riachão.. 4. Identidade Cultural. I. Título

CDD 338.47

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Wagner Pereira dos Reis

**Inventariação do Patrimônio Cultural: estudo da Comunidade Kalunga
Riachão- Monte Alegre-GO**

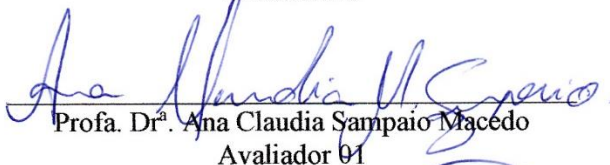
Relatório Técnico Científico apresentado à Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Prof. Dr. Sérgio Jacintho Leonor, do Curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental, foi avaliado para a obtenção do título de **Tecnólogo em Turismo** e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação, Arraias de 11 / 06 /2019.

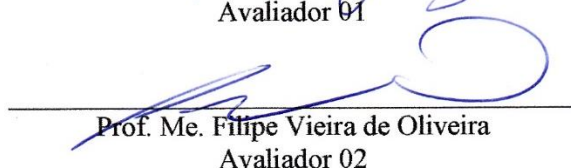
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª. Valdirene Gomes dos Santos de Jesus
Orientadora



Prof.ª Dr.ª. Ana Claudia Sampaio Macedo
Avaliador 01



Prof. Me. Filipe Vieira de Oliveira
Avaliador 02

DEDICATÓRIA

Dedico o meu trabalho em especial a minha mãe Romualda e todos meus irmãos, pelo apoio e incentivo nas progressões dos meus estudos.

Aos meus entrevistados da Comunidade Riachão, pois sem eles não seria possível a realização do trabalho.

A minha orientadora Valdirene Gomes de Jesus, que desde ao meu ingresso no curso, foi o meu sinônimo de incentivo, e motivação para o meu melhor desempenho na faculdade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me guiado e protegido desde antes do curso e durante todo o trajeto percorrido.

A minha família, principalmente minha mãe e meus irmãos, que desde o meu ingresso na universidade foram os principais que deram apoio e incentivo para conclusão do curso.

Agradecer aos meus amigos Juami, Jair, Sulene por fazerem parte da minha história e contribuir no meu trabalho.

A minha orientadora Valdirene dos Santos Gomes de Jesus, que orientou o trabalho com todo compromisso e sempre dedicada no fomento para um desenvolvimento de um bom trabalho.

A todos meus colegas e professores do curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental pelo companheirismo, alegrias e momentos incríveis e difíceis que passamos juntos.

Deixo a todos os meus sinceros agradecimentos e abraço carinhoso.

RESUMO

O presente trabalho de cunho qualitativo objetivou estudar os saberes e fazeres que compõem a memória histórica dos moradores da Comunidade, além de realizar diagnóstico socioeconômico e sociocultural da Comunidade Kalunga Riachão do Município de Monte Alegre-GO. A comunidade está inserida dentro de um espaço que foi reconhecido oficialmente em 1991 pelo governo do estado de Goiás como sítio histórico que obriga terras e patrimônio Kalunga. Fez parte do trabalho realizar um diagnóstico socioeconômico sociocultural da comunidade, e também analisar como se dão as práticas culturais passada por gerações e quais as suas experiências e transformações na comunidade. No desenvolvimento da pesquisa foram acionados procedimentos metodológicos partindo-se de revisões bibliográficas, pesquisa de campo com entrevista, observação e aplicação de questionário semiestruturado que possibilitou com as diversas perguntas identificar o patrimônio cultural e realizar um diagnóstico socioeconômico da comunidade.

Palavras-chave: Saberes e Fazeres. Patrimônio Cultural. Comunidade Quilombola Kalunga Riachão. Identidade Cultural.

ABSTRACT

The present qualitative study aimed to study the knowledge and practices that make up the historical memory of the residents of the Community, as well as to carry out a socioeconomic and socio-cultural diagnosis of the Kalunga Riachão Community of the Municipality of Monte Alegre-GO. The community is inserted within a space that was officially recognized in 1991 by the state government of Goiás as a historical site that obliges land and Kalunga heritage. It was part of the work to carry out a socio-cultural socio-cultural diagnosis of the community, as well as to analyze how cultural practices are passed down for generations and what their experiences and transformations in the community. In the development of the research methodological procedures were triggered starting from bibliographical reviews, field research with interview, observation and application of semi-structured questionnaire that enabled with the several questions to identify the cultural patrimony and carry out a socioeconomic diagnosis of the community.

Keywords: Knowing and doing. Cultural heritage. Community Quilombola Kalunga Riachão. Cultural Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Instrumentos da folia e sussa da Comunidade Riachão.....	28
Figura 02 - Instrumento utilizado na produção de farinha.....	29
Figura 03 - Instrumentos do trabalho.....	29
Figura 04 - Instrumentos como o tipiti de tala de buriti.....	30
Figura 05 – Instrumentos como quibano feito de buruti.....	30
Figura 06 – Instrumentos usados para fazer farinha.....	31
Figura 07 – Instrumento de uso domestico.....	31
Figura 08 – Construção de palha.....	33
Figura 09 – Raspagem da madioca.....	34
Figura 10 – Processo de secar e peneirar a massa.....	34
Figura 11 – Torragem da farinha.....	34
Figura 12 – Varias Moradias da comunidade	41
Figura 13 – Casa de Fogão a lenha.....	41
Figura 14 – Casa do forno de para fazer farinha.....	42
Figura 15- Maiores dificuldade da comunidade	45
Figura 16 – Benefícios ou direitos prioritários.....	46
Figura 17 – Benefícios educacionais que a comunidade considera relevantes.....	47
Figura 18 – Praticas de lazer existente na comunidade.....	48
Figura 19– Benefícios prioritários na área de lazer para comunidade.....	49
Figura 20 – De onde vem o sustento da família?	49
Figura 21 – Renda familiar.....	50
Figura 22 – A venda dos produtos produzido na comunidade e realizada de que forma?	51
Figura 23 – Produção que complementa a renda das famílias.....	52
Figura 24– Criação existente na comunidade.....	53
Figura 25 – Quais festas que existiam na comunidade.....	54
Figura 26 – Quais as danças que a comunidade praticava	54
Figura 27 – Quais instrumentos eram utilizados nas festas e danças na comunidade.....	55
Figura 28 – O que era oferecido de alimentação nos festejos	56
Figura 29 – Quais eram os ofícios e saberes da comunidade?	57
Figura 30 – Quem eram as parteiras?	58
Figura 31 – Quais Brincadeiras existiam na comunidade	58
Figura 32 – Quais são os pontos de referência da comunidade?	59

Figura 33 – Altar para colocar o santo festejado.....	61
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Sexo de nascimento dos entrevistados na comunidade Riachão.....	38
Tabela 02 – Identificação da família dos moradores.....	39
Tabela 03 – Identificação da moradia.....	39
Tabela 04 – Identificação de saneamento.....	43
Tabela 05 – Bens duráveis de consumo.....	44

LISTA DE SIGLAS

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

TBC – Turismo de Base Comunitária

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo geral	14
2.2 Objetivos específicos	14
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	15
3.1 Inventário Cultural	16
3.2 Questões Éticas nas coletas de Dados na Pesquisa.....	17
4 CAMINHOS TEÓRICOS PARA CONHECER OS KALUGAS DA COMUNIDADE RIACHÃO	18
4.1 Cultura, Identidade Território.....	18
5 ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS DOS KALUNGA.....	22
5.1.1 História e Culturas dos Kalunga da Comunidade Riachão.....	23
5.1.2 Formas de Expressão	25
5.1.3 Celebrações.....	26
5.1.4 Objetos	27
5.1.5 Lugares	32
5.1.6 Sabres e Fazeres.....	32
6 ANÁLISES DOS DADOS	37
6.1 Perfil dos Participantes da Pesquisa Kalunga da Comunidade Riachão	37
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIA.....	65
ANEXO.....	66

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo estudar os saberes e fazeres que compõem a memória histórica dos moradores da Comunidade Kalunga Riachão, município de Monte Alegre-GO, além disso realizar um diagnóstico socioeconômico e sociocultural da comunidade. A intenção da pesquisa se constituiu com a finalidade de entendermos as heranças culturais que fazem parte da história da Comunidade, buscando identificar as que ainda fazem parte do cotidiano da comunidade, considerando como elemento essencial para a manutenção da cultura e da própria comunidade, saberes que vem sendo transmitidos de geração para geração com significados importantes.

É um grandioso presente despertar para a produção deste trabalho na minha Comunidade Kalunga, formada por descendentes de pessoas escravizadas que fugiram dos cativeiros e organizaram seus quilombos, há muito tempo atrás, em lugares de difícil acesso entre vãos, serras e rios.

Toda a área que eles ocupam foi reconhecida oficialmente pelo governo do Estado de Goiás, como Sítio Histórico que abriga o Patrimônio Cultural Kalunga.

A Comunidade Kalunga Riachão está localizada no município de Monte Alegre do Goiás. O local esteve isolado por muitos anos, mantendo seus costumes e tradições, que era característico da formação de quilombo de refúgio, garantia o isolamento devido a dificuldade de acesso, e dificultava o contato com pessoas externa a comunidade, e manutenção da cultura e tradição da comunidade eram passadas de pai para filho, de geração em geração através da oralidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa realizou-se a identificação dos moradores, chegando ao total de 13 famílias da Comunidade, sujeita a participar do trabalho. Foi realizado levantamento bibliográfico em artigos e livros que descrevem a cultura e as manifestações culturais de Comunidade Quilombola.

Para realização da pesquisa definiu-se trabalhar com entrevistas semiestruturadas com as famílias, buscando conhecimentos relevantes das culturas da comunidade, com perguntas sobre as manifestações e saberes que a comunidade praticava e que ainda pratica, com foco de conhecer e entender a dinâmica da comunidade e o que mudou ao longo do tempo.

Certamente é importante reafirmar que a pesquisa tem objetivo estudar os saberes e fazeres que compõem a memória histórica dos moradores da Comunidade Kalunga Riachão, município de Monte Alegre-GO, além disso realizar um diagnóstico socioeconômico e sociocultural da comunidade.

Quando falamos da cultura e das manifestações culturais presentes nas comunidades Kalunga observamos que com o passar do tempo os saberes e fazeres, as expressões e as histórias da Comunidade vão sendo transformada, principalmente com a inserção das tecnologias modernas.

O estudo realizado na Comunidade Riachão é uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre o perfil das famílias do local e o rico patrimônio cultural, sendo eles os conjuntos de bens presente na história da comunidade que foram transmitidas entre várias gerações, ou seja os patrimônios culturais que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas e são bens que a comunidade querem transmitir as próximas gerações. Conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN (2013, p. 05).

O patrimônio cultural tem importância para muita gente, não só para um indivíduo ou uma família. Dessa maneira, o patrimônio liga as pessoas. E sempre algo coletivo; uma história compartilhada, um edifício ou lugar que todos acham importante, uma festa que todos participam, ou qualquer outra coisa em torno da qual muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam. O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de uma maneira tão profunda, que algumas vezes elas não conseguem nem mesmo dizer o quanto ele é importante e por que. Mas caso elas perdessem, sentiriam sua falta. Como, por exemplo, a paisagem do lugar da infância; o jeito de preparar uma comida; uma dança; uma música; uma brincadeira, entre outras. (IPHAN, 2013, p. 05).

O Riachão está dentro do Sítio Histórico de Goiás, com aproximadamente 75 km de Monte Alegre Goiás, com 39 km de estrada de terra e de difícil acesso, com circulação somente em carro particular. É um local com pouquíssima infraestrutura básica, espaço totalmente rural, com economia baseada na agricultura e nos seus saberes e fazeres passado por gerações.

Os moradores possuem como meios de lazer e diversão, as devoções, as festas religiosas, com adoração e agradecimento a algum santo que são festejados na comunidade.

Hoje mesmo com grandes transformações nos bens culturais, os moradores da comunidade vêm tentando resguardar suas raízes e seu sentimento de pertencimento à cultura quilombola. Sendo essas raízes expressada hoje, através de suas práticas culturais, fazeres e saberes, crenças e entre outras manifestações passada por gerações.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Estudar os saberes e fazeres que compõem a memória histórica dos moradores da comunidade, além de realizar diagnóstico socioeconômico e sociocultural da comunidade Kalunga Riachão Município de Monte Alegre-GO.

2.2 Objetivos específicos

- ✓ Registrar e descrever os saberes e fazeres da Comunidade Kalunga.
- ✓ Identificar as transformações dos bens culturais na comunidade.
- ✓ Realizar diagnóstico socioeconômico da comunidade.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho tem como base de pesquisa a metodologia qualitativa, na qual segundo Creswel (2007), esse tipo de pesquisa tem como métodos a coletas de informação com perguntas abertas, análises em textos, figuras, apresentação de informação em gráficos, tabelas e a interpretação pessoal do pesquisador e dos demais participante na pesquisa.

Este item apresenta as etapas da elaboração dos procedimentos qualitativos da teoria embasada nas vivências de membro da comunidade e como acadêmico que busca expor a percepção dos moradores numa perspectiva de pesquisa do tipo etnográfica da comunidade, Riachão município de Monte Alegre. A pesquisa qualitativa analisa e qualifica com sua potencialidade os aspectos que apresentam fatos da realidade de uma determinada comunidade, revelando identificando suas necessidades e trazendo a participação dos envolvidos no processo de investigação. Aponta Chizzotti (2003, p.2) que;

A pesquisa qualitativa recobre, hoje um campo transdisciplinar envolvendo as ciências humanas e sócias, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivada do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimetodos de investigação para estudo de fenômeno situado no local em que ocorre. Enfim, procurando encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão eles. O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 2).

A pesquisa realizada de cunho qualitativo na comunidade Riachão, teve como base alguns elementos descritos pelo autor acima, na qual buscamos com os moradores da comunidade ter um diálogo amigável para a partir daí extrairmos informações sobre fatos, realidade do local, convívio, costumes, saberes, e crenças dessa comunidade cheia de muitos saberes.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram identificadas 28 famílias, mais apenas 13 se dispuseram a participar do trabalho, algumas disseram não saber responder e outras simplesmente não quiseram. Na coleta de dados aplicamos questionário semiestruturado com moradores da comunidade, foram feitos registro por escrito, conversas informais, fotografias, gravações, observações e além do conhecimento adquirido pela convivência na comunidade. Importante ressaltar que os relatos das 13 famílias entrevistadas com idade entre 30 até 68 anos, representam o conhecimento adquirido na comunidade passados de geração em geração.

As técnicas qualitativas etnográficas utilizadas nesse trabalho e onde segundo Creswell (2007) o pesquisador tenta estabelecer o significado de um fenômeno a partir do ponto de vista dos participantes na pesquisa. Isso significa que devemos identificar um grupo que compartilha culturas, e a partir disso estudar como eles desenvolveram padrões compartilhados com o passar do tempo. Um dos principais elementos na coleta de dados é observar o comportamento dos participantes em suas atividades, ou seja, em seu cotidiano habitual, enquanto membro da comunidade Riachão fui descrevendo esse momento que fazem também parte do meu cotidiano, remetendo as minhas lembranças e dos fazeres dos moradores.

Para fundamentação do trabalho foram realizadas revisão em literaturas sobre as categorias: cultura, identidade, território, inventário cultural, tendo como referência formas de expressão, celebrações, objetos, lugares, saberes e fazeres. A revisão de literatura, segundo Creswell (2007) é um modelo tradicional, comum para desenvolvimento de monografias, teses e entre outros trabalhos científicos, e onde os pesquisadores, através das literaturas buscam fortalecer e relacionar o tema da sua pesquisa, com teoria existente sobre o assunto.

Na pesquisa qualitativa há variadas técnicas e métodos de acordo com a necessidade da pesquisa. Neste trabalho alguns métodos e técnicas foram construídos juntos com a orientadora, como o questionário semiestruturado para coleta de dados, ficha sobre o território da pesquisa que teve como referência a metodologia participativa do IPHAN (2016), onde fizemos uma breve descrição sobre os patrimônios culturais existente na comunidade, de acordo com o conhecimento adquirido no local.

Para compreender melhor a comunidade em seu cotidiano, demos ênfase ao inventário cultural que é um instrumento de proteção do patrimônio cultural, voltado a levantar informações que possam ajudar a preservar a história da comunidade e seu patrimônio. Sendo assim, o inventário é uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor.

3.1 Inventario Cultural

Para compreender melhor a comunidade e seu cotidiano, demos ênfase ao inventario cultural que é um instrumento de proteção do patrimônio, voltado a levantar informações que possam ajudar a preservar a história da comunidade e seu patrimônio. Sendo assim, o inventário é uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor.

Neste sentido, fazendo o inventário é possível descobrir e registrar os bens culturais que constituem o patrimônio da comunidade, e as pessoas que fazem parte dela. O inventário é

uma atividade de educação patrimonial, portanto, seu objetivo é construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre a escola e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas (IPHAN, 2013, p.6).

O instrumento aplicado foi produzido por Silva e Jesus (2018), para o estudo “Mapeamento do Patrimônio Cultural da Região do Escondido, Belém e das Matas no Território da Comunidade Quilombola Kalunga do Mimoso-Arraias/TO, e disponibilizado para uso de estudos sobre mapeamento em comunidades quilombolas. A produção do questionário teve como base o inventário participativo do IPHAN, além de outros instrumentos aplicados em estudos de mapeamento, visou realizar diagnóstico socioeconômico e sociocultural da Comunidade Kalunga Riachão do Município de Monte Alegre-GO.

3.2 Questões Éticas Utilizadas nas Coletas de dados na Pesquisa

De acordo com Creswell (2007) à medida que nós pesquisadores planejamos um trabalho e coleta de dados, precisamos respeitar alguns quesitos éticos com os locais de estudo e com os participantes na pesquisa. O autor destaca alguns pontos como;

- ✓ O direito de participar voluntariamente e desistir a qualquer momento, sem que a pessoa seja coagida à participação.
- ✓ Falar o objetivo do estudo de forma que as pessoas entendam a natureza da pesquisa e seu provável impacto sobre elas.
- ✓ Falar dos procedimentos do estudo de forma que as pessoas tenham uma ideia razoável do que esperar na pesquisa.
- ✓ O direito de fazer perguntas, obter uma cópia dos resultados e ter à privacidade respeitada.
- ✓ Falar dos benefícios do estudo que vão resultar para a pessoa.

Baseado ainda em Creswell (2007) o pesquisador precisa respeitar os locais da pesquisa e isso exige bastante em especial nos estudos qualitativos, onde envolve observação, diálogos e entrevistas prolongadas. É importante que os pesquisadores estejam cientes de seus impactos e a partir disso tentar minimizar. Por exemplo, fazer visitas com horas marcadas, que foi o que fizemos durante a realização deste trabalho na comunidade Riachão, para que não atrapalhasse as atividades dos participantes.

É também necessário considerar meios para que haja boa relação e diálogo entre pesquisador e participantes, pois em algumas situações de pesquisa, é muito fácil abusar do poder. Por fim, devemos-nos envolvermos com as pessoas de forma colaborativa e participativa nas questões da pesquisa e também buscar ativamente o apoio delas durante todas as fases da pesquisa.

4 CAMINHOS TEÓRICOS PARA CONHECER OS KALUGAS DA COMUNIDADE RIACHÃO

A revisão da literatura é importante para entender as abordagens realizadas por estudiosos sobre o tema proposto, visando assim, apresentar contribuições a temática. Nesse sentido, faz-se necessário compreender teoricamente os conceitos de cultura, território, identidades, manifestações culturais, para a partir do conceitos compreender e valorizar as contribuições das Comunidades Quilombolas e especificamente, da Comunidade Riachão enquanto espaços de produção e legado cultural afrodescendente, mas também seu processo de ressignificação na manutenção da sua cultura.

4.1 Cultura, Identidade Território

O conceito Cultura vem sendo amplamente discutidos nos tempos atuais, e em vários meios da sociedade, há uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos, às suas relações de presentes e suas perspectivas de futuro.

Mesmo com sua complexidade pode-se dizer que cultura é tudo aquilo que é transmitido de geração em geração, que constitui um grupo ou sociedade, com seus conhecimentos, artes, crenças, leis, moral, costumes e hábitos adquiridos pelos seres humanos. Segundo o autor Laraia (2005, p.59) cultura são;

Cultura é um sistema (de padrões de comportamentos transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esses modos de vidas das comunidades incluem tecnologias modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, agrupamento social, organização política, crenças, práticas religiosas, costumes hábitos e assim por diante (LARAIA, 2005 p.59).

Com isso, cultura pode ser compreendida como padrões de comportamento transmitido de geração em geração, ou seja, são os modos de viver, organizar-se economicamente socialmente, as crenças e saberes de um grupo ou sociedade específica.

Segundo Santos (1983) cada grupo ou sociedade humana possui sua própria visão de mundo e para conhecermos as realidades culturais dos diferentes grupos é necessários que busquemos conhecer as diferentes culturas, para que entendamos o sentido que fazem para determinado grupo. De acordo com Santos (1983, p.44, 45) cultura:

É uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de prática e concepções, como por exemplos se poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte de vida social como por exemplos se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela existe em alguns contextos e não em outros. (SANTOS, 1983, p. 44, 45).

A partir disso compreende-se que o ser humano é o principal produtor de sua cultura, num processo social construído, aperfeiçoado e transformado ao longo do tempo, configurando seu modo de vida e demais relações humanas específicas ao local.

Dentre as variadas transformações existente em grupos culturais, torna-se fundamental saber em que medida as culturas variam e quais as razões dessas variações. Essas são questões que provocam muita discussão e é sempre fundamental entender os diferentes sentidos de uma determinada realidade cultural para aqueles que a vivem.

Vale salientar que entender cultura é uma preocupação contemporânea, na qual muitos pesquisadores através de trabalhos e pesquisa de campo procuram conhecer identificar e registrar os diferentes caminhos que conduziram os grupos humanos, quais suas relações de apropriação com os meios que vivem, e como transformam e expressam sua cultura.

Um dos meios de estudo de muitos pesquisadores para entender as transformações das culturas são as comunidades tradicionais, com os quilombolas com sua cultura seculares transmitida através da oralidade como forma de perpetuar seus valores, além de expressarem e manterem sua identidade cultural.

Baseado em Ciampa (1987), entende-se identidade cultural como algo que está sempre em constante transformação, sendo o resultado do contato com outras culturas, das mudanças de hábitos, das necessidades do grupo, pensamentos diversos e até do desinteresse das pessoas em determinadas praticas culturais, bem como dos grandes avanços científicos, da globalização, dentre outros fatores. A cultura não e algo estático, ela tende a modificar no decorrer do tempo, neste sentido, Laraia (2005, p.52) diz que;

[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de cultura diferente, é necessário entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este a admirável mundo novo do provir. (LARAIA, 2005, p. 52).

Sendo assim, é importante os estudantes quilombolas, como sujeitos da comunidade e também como formadores e articuladores da cultura, criar mecanismos para manutenção da sua cultura, possibilitando assim, atenuar as modificações ocorridas na comunidade, verificar criticamente os motivos dessas mudanças no sistema cultural local e após isso, propor meios de valorização, como sensibilização, inventários, registros dos bens culturais da comunidade e entre outras formas.

De acordo com Hall (2006), a identidade depende de vários elementos culturais materiais e imateriais para existir e se formar, e na modernidade há muitas influências que mudam nossas identidades pessoais e grupais.

Com os adventos tecnológicos e o mundo extremamente globalizado, tem atingido diretamente grupos culturais, com a globalização a sociedade é direcionada e informada por grandes mídias de várias partes do mundo. Além disso, Hall (2006) destaca que um dos principais pontos da globalização é o encurtamento do espaço-tempo, os grandes processos globais estão fazendo com que o mundo pareça estar menor e as distâncias de um local para outro cada vez mais curtos, os eventos que ocorrem em determinado local, são divulgados bem mais rápido.

Cada vez que o mercado global torna a vida social em uma sociedade com estilos, lugares, viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligadas, mais a identidade torna desvinculada desalojada dos tempos, lugares, históricos e tradições específicas (HALL, 2006).

O território Kalunga apropriado é utilizado das diversas formas pela sociedade que ali pertence, e onde faz sentido suas manifestações e práticas culturais, ou seja, e um espaço que relaciona cultura, identidade, processos econômicos e históricos. Neste sentido, Oliveira, Silva (2017, p. 416) entendem por território Kalunga;

Concepções multidimensionais que permitem entender as produções e territorialidades vivenciadas pelos quilombolas. Posto que, a análise das suas relações com o território são complexas e requerem uma compreensão além do espaço concreto vivenciado e das relações políticas. Pois nesse caso, o território é também um espaço de socialização, de manifestação de cultura e fonte de recursos, numa perspectiva econômica. Assim entende-se território com suas dimensões que perpassam (OLIVEIRA, SILVA. 2017, p. 416).

As relações dos Kalunga com seu território são complexas, além dos processos históricos passado por seus ancestrais no período da escravidão, como local de refúgio e também um espaço de relações políticas, socialização, manifestação e perspectiva econômica. Hoje o território Quilombola, destaca-se como sendo, um espaço cultural formado por uma população resistente, estes que tem como meta a valorização da sua cultura e costumes dentro do seu território. O instituto nacional de colonização e reforma agrária INCRA (2017, p.04), pontua que o território quilombola é;

De acordo o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003, são consideradas terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. Dessa forma, a caracterização legal abrange não só a chamada ocupação efetiva atual, mas também o universo das características culturais, que são os valores e práticas dessas comunidades. Assim sendo, um território se constitui a partir de uma porção específica de terra, ou seja, um espaço geográfico, de história que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre há um território seria um ente que sobrepõe a terra e

a carga simbólica agregada a mesma, a partir de seu uso pleno e continuado pela ação de um determinado grupo humano. (INCRA, 2017, p. 04).

Com base o artigo 2^a do decreto 4.887 de 2003 no governo Luiz Inácio Lula da Silva são consideradas territórios Quilombola terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos e esses espaços são utilizados por eles na garantia de reprodução física, social, econômica e cultural. O território Kalunga se constitui a partir de uma porção de terra, mas além disso é um espaço de muitas histórias, que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo em sua resistência e vivência no espaço. O Território Kalunga foi delimitado, por motivo de sua reprodução social, econômica e cultural diferente com a terra.

5 ASPECTOS SÓCIO HISTÓRICOS DOS KALUNGA

A população Kalunga afrodescendentes foi constituído por descendentes de pessoas que foram trazidos de várias partes do continente africano e escravizados no Brasil no período colonial. Mesmo com o fim da escravidão em 1888, essa população ainda continua excluída da sociedade, da economia nacional e até das suas próprias terras. Desde então, várias comunidades quilombolas lutam pelos seus direitos, e principalmente pela garantia de seu território.

O Quilombo Kalunga é o maior do Brasil, possuindo uma área com mais de 272 mil hectares, localizadas no norte do estado de Goiás, no município de Cavalcante, Teresina e Monte Alegre, reconhecida em 1991, pelo governo do estado de Goiás, como sítio histórico Kalunga.

Desde as origens dos Kalunga no estado de Goiás, o isolamento desse povo entre os vãos do rio Paraná, vales e serra, foi uma estratégia para esconder dos colonizadores no período colonial. Vivendo isoladas por muitos anos, o povo Kalunga, conservou e construíram seus modos de vida tradicional e sua identidade devido ao seu isolamento.

As questões Quilombolas atualmente tem sido assunto discutido em diversos ramos da ciência, mais isso só teve início em 1982 com a antropóloga Mari de Nazaré, como destaca Fernandes (2015, p.01).

Os estudos sobre essa grande comunidade tiveram início na década de 1980, com a pesquisadora Mari de Nazaré Baiocchi, da Universidade Estadual de Goiás, mas é principalmente a partir de 1991, com a criação estadual do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, que as universidades e instituições voltam seus olhares para problemáticas desse Quilombo. No início da década de 1980, o meio acadêmico desconhecia a existência dos remanescentes de quilombolas habitantes dos vãos do nordeste goiano (FERNANDES, 2015, p. 01).

No caso dos Kalungas de Goiás, foi através de estudo da antropóloga Mari Baiocchi e sua equipe a possibilidade de reconhecimento do território e a aprovação de alguns direitos, como o uso da terra. Com articulação nas instituições, órgão estaduais municipais, Mari Baiocchi e representantes Kalunga, foi possível a elaboração e aprovação da lei Estadual complementar Nº 11.409 de 21 de janeiro 1991, que transformou o território Kalunga em Sítio Histórico Cultural de Goiás.

A história do Território Kalunga, está intimamente ligada com os ciclos econômicos da região nordeste de Goiás, mais especificamente com ciclo do ouro, que no século XVIII,

trouxo a mão de obra escrava de diversas partes do país para as precárias minas da região (FERNANDES, 2015, p.02).

O território Kalunga é amplo, concentra diversas comunidades, com sua especificidade, tradição cultural e com povo sábio e resistente de cultura e muitas crenças. O Kalunga é considerado rico em diversidades de culturas e tradições como, por exemplo: dançar e cantar Sussa; o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, parteiras, folias, entre outras.

5.1.1 História e Culturas dos Kalunga da Comunidade Riachão

Neste item abordaremos pontos da realidade da comunidade Riachão, onde aconteceu a pesquisa de campo. As realidades descritas neste item sobre a comunidade, tem como base pesquisa empírica realizada no local e a monografia de Lourdes Fernandes de Souza moradora do local, além do meu conhecimento como pertencente e formador na cultura da comunidade.

A história e cultura dos moradores Kalungas da Comunidade Riachão, inicia-se também com o processo de ocupação socioterritorial há mais de duzentos anos. A comunidade Riachão é originalmente formada por negros, ancestrais que fugiram dos cativos e organizaram seu Quilombo nesse local de difícil acesso, que hoje chamam Kalunga. A comunidade Riachão localiza-se no município de Monte Alegre de Goiás aproximadamente 75 km do centro de Monte Alegre, sendo 39 km são estrada de chão de difícil acesso, e sem linhas de transporte público.

A comunidade possui energia elétrica, telefone celular por meio de antena em algumas casas, internet via satélite na escola, água encanada. Não tem rede de esgoto, posto de saúde, transporte público além da falta de vários outros equipamentos básicos. Tem uma escola estadual com as séries iniciais de 1º ao 5º e 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e agora recente a instalação do ensino médio.

Residem na localidade aproximadamente 28 famílias que sobrevivem da agricultura de subsistência e de benefícios do governo Federal: bolsa família, aposentadoria e, às vezes, sexta básica. Os moradores cultivam seus próprios alimentos para sobrevivência de suas famílias como; mandioca, arroz, abóbora, quiabo, jiló, andu, fava, maxixe, melancia, cana, banana, e entre outros cultivos agrícolas alimentares.

A comunidade tem uma cultura muito rica e diversificada, onde as manifestações artísticas culturais integram o seu cotidiano.

É importante ressaltar que, os instrumentos artísticos na comunidade são feitos pelos próprios Kalunga, eles produzem seus artefatos de couros, tecelagem, cerâmica, artesanato de recursos naturais como de tala de buriti e couros.

Tão importante quanto os artesanatos são suas festas, onde acontece momentos de encontro das famílias, diversão e crenças, onde se apresentam rezas, danças, Sussa, Bolé, Alvorada, levantamentos de mastros, impérios, batizados e os comes e bebes.

Os Kalunga têm fortes crenças e são devotos à divindade, prova disso, as rezas, folias, as danças principalmente a Sussa, momentos de agradecimentos aos Santos festejados nas capelas como: Nossa Senhora da Abadia, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios, São Gonçalo, Divino Espírito Santo e outros Santos festejados no território Kalunga.

Esses saberes são adquiridos com os pais que são passados de geração para geração, mas, no entanto, vários conhecimentos culturais como esses dos mais velhos estão se perdendo com passar do tempo, pois as tradições, rituais, costumes e práticas nativas e culturais estão somente na memória dos idosos e não estão sendo aprendidas pelos jovens. Percebendo isso o presente estudo na comunidade contribuição registrar, divulgar esses bens e indagar a preservação desse patrimônio que representa a identidade da comunidade Kalunga Riachão e todo território.

A cultura da comunidade está relacionada com aspectos intrínsecos à vida e à reprodução social dos povos do local, como os calendários produtivos, épocas de colheitas e extrações na natureza, migração de peixes, chuvas, secas, alimentação, saúde e lazer.

O povo que pertenceu ou que ainda pertence a comunidade Riachão, passou e passa por diversas dificuldade no decorrer de sua história. Para melhor destacar alguns processos de dificuldade e lutas enfrentada pela comunidade, retiramos um trecho da fala de dona Procópia, na monografia de sua neta, cujo tema é **Letramento e história de vida; As memórias de Procópia dos Santos Rosa**, no seu trabalho Lourdes, destaca vários trechos na integra de uma liderança e moradora da comunidade Riachão, falando de algumas dificuldades, resistência e conquista enfrentada no território, como pode observar na citação abaixo Souza (2014, p. 51, 52, 53).

1. Ieu sô Procópia du Santu Rosa.Fui nascida e criada aqui.
- 2.Tô cum 82 anus minha vó e minha mãe tudu foi nascida e criada aqui.
- 3.Minha vó morreu com 90 anus e minha mãe morreu nova.
- 4.Quandu minha mãe morreu.Eu tava cum minha primeira menina na
- 5.mão.Minha menina tá cum 60 anus.Tá cum anus que minha mãe morreu.
- 6.Ieu e meus fi.nasceu aqui.Meus netus nasceu aqui tudu junto comigu.Meus netus e meus fi tudu me adora.
- 7.Nois são muito sofrido.Pra nois sobreviver criar nossu fi nossu netu as coisa

8.tudu era na roça era homo e mué era fiando tecendo pra fazer roupa pro fis .
 9.Nois não tinha cundição de nada.Num cunhicia cidade nois veio cunhecer
 10.cidade depois da Antropolga dona Meire Baiocchi que ela veio aqui muitos
 11.ficô cum medo dela praquê num cunhicia pessoa de fora .ela me chamou
 12.acunpanhei ela iaí nois foi de um a um com ela lá em Goiana pra ir
 13.recunhecendo.Foi ieu e a Santina cum ela.Fiquemus vinte dia lá sem saber u
 14.que nois tava fazendo e ela representou nois u Brasil e todumundu tinha
 15.boa vontade de vim cunhecer nois aqui.
 16.Quandu vinha outra pessoa aqui cum medu de nois num aceitar falava que
 17.era dona Meire que tinha mandado e causo talvez nem ela sabia.E dela foi
 18.nois arrumemus as terras e us documentus dus vei (pausa esquecimento e
 19.pergunta da entrevistada)...Cumé que chama quando a pessoa morre
 20....Fazer u levantamentu das terras.
 21.Eis viere trouxe o Incra pegou u nome pegou u documentu da terra arrumou
 22.tudu pra nois.Cada um de nois tirou u Incra da terra e nois num tinha
 23.registo ela mandou u povu ir nu pé da serra pra tirar u registu tudumundu
 24.Ieu nessa épa eu tava cum a perna quebrada peguei meu nome dei meu
 25.fi quem me registô foi meu fi.
 26.Us mais veiu daqui que morreu num tinha documentus.nois documentemos
 27.tudu.das terras arrumemus us documentus das pessoas que num tinha e
 28.daí nois foi caminhando pra Goiana caminhando pra Brasila foi lá nu
 29.guvernadô duas vez pidir u guvernadô ajuda e contar que nois era da roça
 30.criou us fi na roça e fiando aí contei u guvernadô ...Depois eis viere aqui foi
 31.a primeira vez que o avião sentou aqui.Crenon que era u prefeitu nessa épa
 32.ele Crenon veiu e entregou as coisa pra nois.
 33.Veiu uma enchente e acabou cum tudu aí depois disse eis mandaram me
 34.chamar lá em Goiana ieu fui lá no governador juntum Crenon meu fi Lió
 35.dona Meire fomos reclamar pro governador u quê nois necessitava.
 36.Mais ieu pensei que esse pidido que pidir num valia nada daí em diente foi
 37.encaminhando...teve negócio de barragem ieu caminhando pidindo eis
 38.pruquê num podia e num queria tirar nois daqui praquê aqui nossu lugar
 39.sussegadu pra nois sair daqui pra ir pra outro lugar ir pra onde? Fora tem
 40.tantus desabrigadus que num tem onde fica ...Eu pidir eis cum amor e
 41.carinhu pra num tirar nois daqui praquê pra onde nois ia praquê nois tá
 42.nossu lugar que Deus deu pra nois.
 43.Nois sair daqui pra morar aonde? Cumê lixo na cidade.
 44.Cume ieu fui em muita reunião de barragem pidir eis cum amor e carinhu
 45.que num fizesse isso cum nois praquê nois num tinha cundição de sair de
 46.nossa comunidade. Naqueli tempu nois num contava cum prefeitu aqueis
 47.quem sabia ler as muié num contato cum Munte Aleigue. (SOUZA, 2014, p.51, 52, 53).

Diante a fala de dona Procópio uma das importantes e mais velha liderança mulher não só da comunidade Riachão, mas de todo território Kalunga do município de Monte Alegre Goiás, ela destaca algumas dificuldades enfrentadas no Quilombo, seja por falta de conhecimento e na condição de isolamento que eles viviam. Percebe-se na sua fala que além das dificuldades que enfrentavam, era também o início de chegada de alguns direitos e reconhecimento daquele território.

5.1.2 Formas de Expressão

São variadas as formas que a comunidade comunica sua cultura, que estão presentes nos valores, linguagem visual, pintura, escultura, artesanatos e significados importantes que a

comunidade preserva, transmitindo esses saberes e traços culturais de pais para filhos de gerações em gerações, com foco principal de ensinar, para que esses elencos não percam suas histórias. Com base na cartilha do IPHAN (2013, p.30) diz que;

Perceber que em grande parte das vezes uma manifestação cultural reúne várias formas de expressão, como uma dança, uma música, uma encenação, que são praticadas todas ao mesmo tempo. Muitas vezes as expressões orais estão associadas a outras manifestações e práticas culturais, como os dizeres e orações que são ditos nas benzeduras e práticas medicinais, nos recitais de um espetáculo, nos cânticos de mutirão para realizar um trabalho (IPHAN, 2013, p.30).

Neste sentido, a comunidade encontra-se com suas variadas formas de expressão, significados que apresentam um elenco cultural significativo, fazendo parte das histórias e vivências das pessoas na comunidade, e são fundamentais a transmissão dessas expressões, como os cânticos, lendas, contos, ditados, rimas, trovas, adivinhações, orações, ladainhas expressões regionais, gírias, sussa, vigia, Bole, folias, levantamentos de mastro e muitas outras formas.

O IPHAN (2013, p.31) destaca que;

Algumas formas de expressão podem ter um alcance mais local, como por exemplo, determinada pintura indígena que não será compreendida pelas pessoas que não são indígenas e nem por indígenas de outra etnia. Uma dança que é feita no candomblé, por exemplo, possivelmente só será entendida pelos praticantes dessa religião. Outros estão espalhadas pelo país inteiro, e aparecem de diversas maneiras, a depender do local, como, por exemplo, o jeito de tocar e dançar forró ou as diferentes festas que envolvem a figura do boi. (IPHAN, 2013, p.31).

Por fim, para evitar atos preconceituosos, com as variadas formas de expressões precisamos conhecê-la dentro do seu contexto real, onde é praticada.

5.1.3 Celebrações

Todas os grupos possuem momentos em que as pessoas se reúnem para fazer uma celebração, que pode ter diferentes motivações e essas celebrações são muito importantes para uma comunidade, pois possui história e significados passado de geração em geração. Com o decorrer do tempo, alguns elementos podem ser modificados, retirados ou inseridos na celebração, é muito interessante saber quais foram essas transformações e porque isso aconteceu, uma vez que contam sobre os propósitos, os desejos e a história da comunidade que a faz, algumas transformações ocasionaram o fim de algumas celebrações. Essas perdas ocorrem muitas das vezes por ficar parada em uma geração, por isso que são muito importante que os saberes sejam passados por gerações para que esses traços culturais não percam suas histórias.

Com base na cartilha do IPHAN, (2013, p.24) destacamos que;

As celebrações, por terem vários elementos, envolvem várias pessoas e grupos na sua preparação. Cada etapa, como a organização do espaço, preparação de comidas, danças, encenações, apresentações, e muitas outras, tem como responsáveis pessoas diferentes. Mesmo que seja organizada por um indivíduo, uma família ou pela prefeitura, a celebração é importante para muita gente, porque possui significados diferentes para cada pessoa ou grupo que participa. Numa celebração religiosa, por exemplo, muitos participantes são os adeptos da religião; outros estão ali somente para se divertir; outros ainda, como os turistas, vão para conhecer (IPHAN, 2013, p.24).

Muitas celebrações estão presentes em vários locais, mas cada lugar acaba tendo uma característica particular, podem ter vários significados religiosos, como as festas dos santos padroeiros das comunidades e outros podem ser de caráter cívico, como as comemorações das datas importantes de uma cidade ou ao ciclo produtivos, como as festas do milho da uva, que são formas de marcar momentos especiais da vida de uma pessoa junta a sua comunidade.

Na comunidade Riachão as celebrações estão presentes em vários momentos importantes e marcantes, com características e significados históricos, como as festas que acontecem todos os anos, as rezas, que se encontram em várias celebrações, as promessas, também as folias religiosas da comunidade que são, a do Divino Espirito Santo, Santo Antônio, Santo Reis, São Sebastião e São Jose, essas são as celebrações que acontece e reúne as pessoas da região para comemorar juntos.

5.1.4 Objetos

Objetos são todos os bens que pode ser deslocado de um lugar para outro, é que fazem parte das nossas vidas, também tem histórias, por esses atos são conhecidos como bens móveis, e na comunidade Riachão os objetos estão muitos presentes no dia a dia das famílias, muitos deles podem estar nas suas casas, nas ruas, nos locais de festas, cozinha de devoção e etc. Com base na cartilha do IPHAN, (2013, p.19).

Por exemplo, em casa pode haver um ferro de passar que já não funciona mais, mas que pertenceu à bisavó, ou um brinquedo preferido da infância, guardado pelos pais e que é guardado como lembrança. Pode ser um instrumento musical antigo e que ninguém mais sabe tocar, mas é importante por ter sido de um artista conhecido e admirado. Pode ser um vaso de cerâmica quebrado encontrado em alguma escavação arqueológica e que foi produzido e utilizado pelos povos indígenas do local há centenas ou milhares de anos (IPHAN, 2013, p.19).

Com isso percebemos que objetos não é apenas o que pensamos, mas como todos os que pode ser movido de lugares e que fazem parte da nossa vida, com seu significado histórias, funções e com o passar do tempo de acordo com os usos dos objetos alguns mudam de formato outros se matem, ou até mesmo perde sua característica original.

Na comunidade foram destacados objetos que fazem parte das atividades religiosas, das formas de expressão, das relações de trabalho e do fazer cotidiano, sendo eles o pandeiro,

caixa, esses são os instrumentos utilizados nas formas de expressão como a sussa, bolé, e também no giro das folias, a buraca, cangaia que são usados pra carregar mandioca e outras coisas da roça para casa, ainda temos forno de assar bolos, forno de fazer farinha, a enxada, foice, o tapiti, a peneira, o quibano, colher de pau, jacá e o pilão utilizado para pilar arroz e fazer a paçoca de carne, entre outros, que fazem parte do cotidiano da comunidade.

Vale lembrar que todos os objetos possuem uma história, uma função e um significado. Essas funções e significados mudam de tempos em tempos e de acordo com os usos (e desusos) que as pessoas lhes dão. Investigar essas mudanças ao longo do tempo ajuda a compreender a história e o modo de vida dos grupos que produzem ou utilizam os objetos. Conforme figura 01:

Figura 01: Instrumentos da folia e sussa da Comunidade Riachão



Fonte: Reis, 2018.



Na figura 1 e 2, está a caixa, o cambito e o pandeiro, que serve para dar ritmo, nos cantos, sussa e curraleiras de folias na comunidade.

figura 02: Instrumento utilizado na produção de farinha



Fonte: Reis, 2018.

A figura 02, retrata o forno de torrar farinha de mandioca, o banquinho de madeira, onde o torrador senta e permanece horas mexendo a farinha até ficar pronta e o jaca muito utilizada pelos moradores mais antigos na coleta de frutas do cerrado.

A figura 03: Instrumentos do trabalho



Fonte: Reis, 2018.

A figura 03 apresenta a cangaia, na qual está deteriorada, segundo Dona Maria a dona desses objetos, disse que vai mandar arrumar, o esposo dela que arrumava, mais ele morreu e são poucas pessoas que sabem fazer cangaia. A buraca, objeto utilizado para carregar mandioca da roça e antigamente também para armazenar a farinha, utilizado sobre a cangaia nos lombos dos burros no transporte de alimentos e produtos para comercializar. Hoje a buraca além dos usos descritos, são produzidos como artesanato.

Figura 04: Instrumentos



Fonte: Reis, 2018.



A figura 04, retrata instrumentos como o tipiti de tala de buriti, utilizado para secar a massa de mandioca para o preparo da farinha e a colher de pau utilizada para preparo de comida. Esses instrumentos utilizados nos fazeres do cotidiano também hoje são produzidos como artesanato na comunidade.

Figura 05: Instrumentos



Fonte: Reis, 2018.



A figura 05, traz o quibano, feito de tala de buriti e utilizado para soprar o arroz e parte integrante do cotidiano da comunidade e a cuia, utilizada para retirar farinha do forno e colocar no saco.

A figura 06: Instrumentos



Fonte: Reis, 2018.



A figura 06, apresenta o rodo, utilizado para mexer a farinha no forno e a panela de ferro, um dos primeiros recipientes industriais a entrar na comunidade para preparo de alimentos.

Figura 07: Instrumentos de uso doméstico



Fonte: Reis, 2018.

A figura 07, apresenta instrumento utilizado nas atividades cotidianas da comunidade como ferro a brasa de passar roupas, além de produtos manuais que a comunidade realiza como a produção de tapetes feitos artesanalmente por Dona Maria.

Vale destacar que esses objetos presentes na comunidade, na casa de Maria, faz parte da cultura da comunidade, esses encontram em estado de desuso, mas segundo ela guarda, por que esses objetos serviram bastante eles e pretende arrumar os que estão quebrando.

A comunidade possui muitos saberes e ofícios que podem ser observados na variedade de objetos produzidos pelos moradores e que fazem parte do seu cotidiano e muitos

desses objetos tem ficado apenas como peças de coleções pessoais, pois os detentores de saberes tem morrido e que muitos não conseguem repassar esses saberes.

5.1.5 Lugares

Alguns territórios ou parte deles podem ter significados especiais. Esses significados costumam estar associados a forma como o território é utilizado ou valorizado por um certo grupo; são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial a um lugar. Podem ser um bosque, um rio, um sítio arqueológico, uma praça, uma construção, ou mesmo um conjunto desses elementos.

Os lugares também podem ser espaços construído pelo homem. As edificações podem ser de diferentes épocas e estilos e podem servir para diferentes finalidades. O importante é que elas representem uma referência para as pessoas. Exemplo as construções como; praça, um galpão, escola, Igreja, uma casa de amigos e entre outros lugares.

Na comunidade Riachão alguns lugares são referência, como o espaço onde acontecem as festas das romarias, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios casa de dona Procópio, galpão, colégio e outras casa onde realizam festa. Esses lugares e de suma importância para a comunidade Riachão, pois é onde eles praticam suas atividades.

Um lugar pode ser importante para uma comunidade por ser referência de seu dia a dia e suas crenças. E esses lugares são essenciais para o inventário, e podem significar novas descobertas, novos patrimônios que merecem ser cuidados.

5.1.6 Saberes e fazeres

Saberes são formas próprias de produzir algum bem ou realizar algum serviço, como a receita de uma comida, ou uma técnica especial utilizada para tocar ou produzir um instrumento musical. Podem ter sentidos práticos ou rituais, sendo que, às vezes, reúnem as duas dimensões, e o caso das práticas relacionadas a cura, presentes nas benzeduras ou pajelanças.

Na comunidade temos vários tipos de saberes que fazem parte da vida das pessoas, são as formas ou práticas de produzir bens, preparo de algum alimento, saberes que estão em memórias dos povos e passado em gerações.

Com base na cartilha do IPHAN, (2013, p.36) saberes e fazeres;

Envolvem o conhecimento de técnicas e matérias-primas, que dizem muito sobre o meio ambiente e o modo como as pessoas interagem com ele. Por exemplo, os ofícios tradicionais de pescador, quebradeira de coco babaçu, catadores de açaí, garimpeiro, seringueiro; ou a maneira de construir uma casa de taipa, adobe, ou madeira, como nas palafitas etc. Alguns saberes e práticas explicam muito da história de uma comunidade. As que têm um forte vínculo com o campo, por exemplo, podem ter como referência o ofício de vaqueiro ou de boiador; outras podem ainda desenvolver práticas que eram feitas desde muito tempo por populações que habitavam o território e que não existem mais. Algumas práticas estão presentes em muitos lugares, mas se desenvolvem de maneira diferente em cada um, como as formas de cultivo e uso da mandioca ou de destilação da cana. (IPHAN, 2013, p. 36).

Alguns saberes e práticas explicam muito da história de uma comunidade. Como os instrumentos artísticos feitos pelos Kalunga, os artefatos de couros, tecelagem, cerâmica e arquitetura. Tão importante quanto esses, são suas festas, ainda como dos tempos antigos, as Sussa, Bolé, Alvorada, levantam mastros, impérios, batizados e os comes e bebe, esses elementos não são dissociados, sendo ao mesmo tempo saberes que se configuram como celebrações, saberes que se constituem como formas de expressão, que são repassados de geração a geração.

Os Kalunga possuem vários saberes, como os ligados as crenças, prova disso, as rezas, folias, as danças principalmente a sussa, são momentos de agradecimentos aos Santos festejados nas capelas como: Nossa Senhora da Abadia, São João Batista, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora dos Remédios, São Gonçalo, Divino Espírito Santo e outros Santos.

A construção de casas, com técnicas tradicionais Kalunga, como mostra na figura 08 abaixo, retirada no dia da pesquisa, também se encontra saberes como parteiras, foliões, rezadores benzedores e formas de plantações de alimentos.

Figura 08: Construções de palha.



Fonte: Reis, 2018.

Sem dúvida o saber e o fazer estão muito presente em nosso cotidiano, somos estimulados enquanto descendentes a preservar nossos costumes através da fala, com as plantas que nos curam, na lida com o gado, no plantio das roças, modo de fazer, o bolo de arroz, a construção de nossas casas de palha, caçar, pescar, modo de fazer a farinha de mandioca que tem vários procedimentos e técnicas no seu processo de produção, conforme figura 09:

Figura 09: Raspagem de mandioca para produção de farinha



Fonte: Sulene, 2018.

A figura 09, destaca o momento da retirada da casca da mandioca utilizando faca, depois disso são lavadas com água limpa e ralada manualmente ou com motor quem possuir.

A figura 10: Processo secagem e peneirar a massa



Fonte: Sulene, 2018.

A figura 10, registra momento em que os moradores da comunidade, secam a farinha utilizando o tipiti e depois peneira a massa, após já ter sido secada no tipiti. Esse processo de passar a massa na peneira serve para retirada de alguns pedacinhos de mandioca que não foi ralada, o que chamamos de crueira na comunidade.

A figura 11: Processo de torragem da farinha



Fonte: Sulene, 2018.

A figura 11, apresenta o momento de torragem da farinha quase pronta no forno, após vários processos de trabalho, antes da retirada da farinha do forno, ela é passada em uma peneira retirando as partes mais grossa, que chamamos no local de caroço, também é comestível, só que é mais duro e os pedacinhos são maiores.

O processamento da mandioca é tão tradicional quanto aos demais costumes, atualmente consideramos a farinha de mandioca como um dos principais alimentos dos Kalunga.

Os saberes na produção de adobe na comunidade que são muito utilizados para construção de paredes das casas, os adobes são processos que aprendemos fazer no cotidiano de ver os pais fazer e ajudando na produção, a escolher um local com terra ou barro ideal para fazer o adobe, depois cavar o barro e com água amassar o barro até ficar no ponto de ir para forma, depois de colocado retirar cuidadosamente

Fiar hoje na comunidade é um dos processos que quase ninguém mais faz, mas ainda existe pessoas que gostam de praticar esse processo, não por apenas necessidade, mas por gostar mesmo de prevalecer os traços tradicionais e os costumes. Para praticar o processo da fiação as pessoas da comunidade costumam dizer que aprendeu com seus pais, porque quando os pais estavam fiando ficavam olhando como eles faziam.

Destacamos também a produção do bolo de arroz, bolo enroladinho, peta, o beiju, bolo de mandioca, são os sabores culinários produzido natural e culturalmente na nossa

comunidade. Temos também os fazedores de pilão, marpilão, bodoque, funda e entre outros saberes que permeiam com os moradores da comunidade.

6 ANÁLISES DOS DADOS

Esta pesquisa teve como proposta a realização de mapeamento identificação e registros dos bens culturais e naturais da comunidade Riachão município de Monte Alegre Goiás.

Neste capítulo da pesquisa, estará descrito todas as informações e dados obtidos na pesquisa de campo. Através de pesquisa bibliográficas, conversas e aplicação de questionário semiestruturado com as famílias da comunidade Riachão, obtivemos um resultado significativo sobre as culturas e histórias da comunidade.

Pois através das culturas popular de um povo que pode se caracterizar um processo educativo informal onde a educação é feita do povo para o povo e ela não se dá apenas por meio de fatos. E constituída por um conjunto de fatores que vem dos nossos antepassados, hábitos, costumes e respeito que são transmitidos de pais para filhos, avós para netos e que devemos preservá-los.

Cultura é mesmo resultado das experiências históricas das gerações passadas. Identidade cultural podem ser transmitidas através da comunicação oral e gestos, como na comunidade Riachão. Portanto, valorizar e reforçar a importância dessas tradições para esses povos e preservar a comunidade pois foi através de laços, vínculos costumes e tradições, que possibilitaram a preservação das características e permanência dessa comunidade atual.

Na pesquisa realizada no Kalunga Comunidade Riachão onde residem aproximadamente 28 famílias, sendo que nesta pesquisa 13 famílias aceitaram participar do estudo. Os demais moradores foram procurados e disseram que não saberiam responder e preferiram não participar da pesquisa.

6.1 Perfil dos Participantes da Pesquisa Kalunga da Comunidade Riachão

Para melhor obter resultados sobre os Quilombolas, buscamos ter nos questionários variadas perguntas que possibilitassem compreender o perfil dos moradores, identificação das moradias, saneamento, bens duráveis de consumo, infraestrutura básica, escolarização, lazer, aspectos econômicos, meio ambiente, potencial para geração de emprego e renda, transporte e cultura. A partir do questionário e da realização das entrevistas dialogadas, destacamos a identificação dos moradores. Das 13 famílias entrevistada, apenas 1 delas foi do sexo masculino e 12 do sexo feminino, conforme tabela 01. As entrevistas foram realizadas durante a semana e também no final de semana, e durante a entrevista havia a presença da mulher, mesmo quando havia a presença masculina as respostas eram dadas pelas mulheres e do total das 12 entrevistas, cinco eram viúvas.

Tabela 01: Sexo dos entrevistados da Comunidade Riachão

Sexo	Kalunga Comunidade Riachão
Masculino	1
Feminino	12

Fonte: produzido pelo pesquisador

Ao serem perguntados sobre como os moradores se auto identificam 100% dos entrevistados declaram como sendo pretos. O que demonstram a reconhecimento com sua identidade afrodescendente.

Ao serem perguntados qual religião professam, 92,30% dos moradores entrevistados afirmam serem católicos e apenas 7,69% deles dizem ser evangélicos. Apesar do número de evangélicos ser pequeno na Comunidade Riachão, observa-se que no Território Kalunga vem aumentando a presença das representações religiosa evangélica. E após a inserção das igrejas evangélicas, tem diminuído a quantidade das representações quilombolas nas manifestações culturais da comunidade, sendo um elemento importante a reflexão sobre o impacto da presença destas representações religiosa para a manutenção da cultura e da identidade quilombola do Sítio Histórico Patrimônio Kalunga.

Ao serem perguntados sobre o número de moradores que ocupam as residências obtivemos o seguinte resultado: 4 moradias têm de um a dois moradores, 3 moradias possuem de três a quatro moradores, e 6 moradias possuem de cinco a seis moradores. E todas as moradias abrigam apenas uma família, sendo nessas residem 24 homens e 22 mulheres. Com a idade dos moradores obtivemos o seguinte resultado: nas moradias residem 7 pessoas de 0 a 6 anos, 15 de 7 a 12 anos, 8 de 13 a 18 anos, 6 com idade de 19 a 30 anos, 2 com idade de 31 a 59 e 6 idades acima de 60 anos. A comunidade de 0 a 30 anos de idade correspondem a 81,81% dos moradores e 4,5% de 31 a 59 anos e a cima de 60 anos correspondem 13,63% e todos os moradores com mais de 60 são analfabetos. Observa que a população da comunidade e bastante jovem.

A pesquisa não identificou em nenhuma das famílias entrevistadas, pessoas portadoras de deficiência. Ao serem perguntados sobre alfabetização, observa-se que dos 44 moradores 23 não são alfabetizados, ou seja, 52,27%, apesar da comunidade, possuir escola e de 81,81% dos moradores estarem entre 0 a 30 anos de idade. Conforme podemos observar na tabela 02.

Tabela 02: Identificação da família do morador

Número de moradores por residência	Kalunga Comunidade Riachão
1 a 2	4
3 a 4	3
5 a 6	6
7 a 8	0
9 a 10	0
Acima de 11	0
Número de família por moradia	1
Homens	24
Mulheres	22
Moradores de 0 a 6	7
Moradores de 7 a 12	15
Moradores de 13 a 18	8
Moradores de 19 a 30	6
Moradores de 31 a 59	2
Moradores acima de 60 anos	6
Pessoas com necessidades especiais	0
Número de pessoas que não são alfabetizadas	23

Fonte: Produzido pelo pesquisador

A relação da presença do número de homens e mulheres existentes na comunidade e bem aproximadas.

Após diálogos com os moradores da comunidade sobre a questão da presença da educação no local, podemos observar através das falas, que por muito tempo ficaram desprovidos de educação básica, e quando surgiu a primeira escola de palha, foi em outra comunidade, com isso muitos não conseguiu frequentar e os que frequentavam não concluíam, pois era muito difícil conciliar trabalho e estudo, precisavam ajudar seus pais na roça, onde tiravam sua fonte de alimentos.

As distâncias percorridas para ter acesso a escolas impediam de ir e vir no mesmo dia, e por não ter apoio do poder público com transporte escolar para atender a população, e sem condições financeira própria para se deslocarem, o resultado é o alto índice de analfabetos entre na população mais velha, mais também na população jovem. E esses problemas de acesso à educação ainda é recorrente, como podemos observar nas dificuldades dos moradores no acesso à informação, saúde, transporte escolares, educação básica, entre outros.

Para melhor compreender as condições de moradia da comunidade foram apresentados os dados da tabela 03.

Tabela 03: Identificação da moradia

Identificação da moradia	Riachão
Alvenaria	3
Adobe	10
Madeira	10
Palha	0
Pau-a-pique	0
Várias técnicas	0
Número de cômodos	
1 a 2	1
3 a 4	13
5 a 6	0
Acima de 7	0
Número de quartos	
1 a 2	4
3 a 4	9
5 a 6	
Acima de 7	0
Com apenas uma sala	13
Não possui banheiro	6
Possui banheiro interno	0
Possui banheiro externo	7
Privadas com buraco	0
Privadas com vaso	0
Ambiente livre	13
Casa com chão batido	13
Casa com cimento queimado	2
Casa com contra piso	0
Cobertura de palha	13
Cobertura de telha de barro	13
Cobertura de amianto	0
Filtro d'água	0
Possui pia de cozinha	0
Lava roupa em tanque	3
Lava roupa no rio	10
Bacia, Batedouro e outros	13

Fonte: produzido pelo pesquisador.

Quanto às moradias dos entrevistados 10 possuem casa de adobe e 3 de alvenaria, sobre as coberturas as casas são cobertas de telhas de barro, os espaços das cozinhas, são separadas das casas cobertas de palha, algumas com paredes em madeiras e outros só possuem coberturas. Mesmo com a presença das técnicas de construção modernas na comunidade, todos os moradores ainda mantêm as casas com as técnicas de construção dos antepassados, ou seja, paredes em adobe, palha e madeira. Quanto a cobertura temos 13 residências de palhas e 13 de telha de barro, conforme na figura 02. Ou seja, todos os entrevistados, possui os dois tipos de moradias.

Quanto à questão de cômodos dessas residências elas são entre 1 a 4 cômodos, sendo organizadas da seguinte forma: têm-se uma sala e outros cômodos para dormir, uma cozinha onde guardam suas louças, em uma outra parte do terreno têm-se outras cozinhas onde funciona uma despensa, fogão a lenha, forno de torrar farinha ou qualquer outro cômodo, e assim por diante.

As residências não possuem banheiro interno, apenas 7 possui banheiro externo, construído pelo governo Federal, as outras 6 residências não possuem banheiro externo. Dos 7 entrevistados que possui banheiro externo, construído pelo governo, destacam que usam o ambiente livre, até por que os banheiros encontram com as estruturas deterioradas, as construções não foram bem-feitas e em pouco tempo já estão danificadas e a comunidade não sabe dar manutenção, sendo assim todos os moradores apontam que utilizam ambiente livre para fazer suas necessidades fisiológicas.

Vale destacar que em todos os moradores entrevistado, eles possuem em seus locais mais de uma moradia, como mostra a figura 12:

Figura 12: Várias Casas



Fonte: Reis, 2018.

As variadas casas construídas pelos moradores da comunidade, apresentam diferentes finalidades de uso, como a casa do fogão a lenha na figura 13:

Figura 13: Casa do Fogão a Lenha



Fonte: Reis, 2018.

Além da casa onde eles têm o fogão a lenha, também há casa do forno de fazer farinha separada das outras, conforme figura 14.

Figura 14: Casa do Forno de Farinha



Fonte: Reis, 2018.

Uma explicação para a distribuição das casas na comunidade, são por elas serem feitas de materiais de fácil combustão, como as palhas e madeiras e em caso de incidente poderia pôr as famílias em risco. Sendo assim, as casas do fogão a lenha e o forno de farinha, são nos quintais, mas afastadas cerca de dez metros da casa principal.

Quanto ao piso das casas, durante a pesquisa as 13 famílias afirmaram possuir casa de chão batido, entretanto partes da residência de duas famílias são de piso queimado. Os 13 moradores destacam que possuem água encanada e não possui filtro d'água, nenhuma das casas possuem pia de cozinha, e apenas 3 possui tanque de lavar roupas, os outros 10 usufruem lavam roupas no rio utilizando de batedouros e bacias, apesar das moradias possuírem água encanada.

A tabela 04 a seguir apresenta os dados de saneamento básico da Comunidade Quilombola Kalunga Riachão.

Tabela 04: Identificação de saneamento

Identificação da moradia (pode ter mais de uma opção)	Kalunga Comunidade Riachão
Possui água encanada	13
Não possui água encanada	0
Poço/cisterna	0
Poço/artesiano	0
Água potável	0
Não possui água potável	13
Destino do lixo	
Queimado	13
Enterrado	0
Coleta de lixo	0
Sem destino	0
Esgoto do banheiro a céu aberto	6
Esgoto do banheiro a fossa séptica	7
Possui energia elétrica	13
Sugestão para o destino do lixo na comunidade?	
Sugerem que o lixo seja queimado	9
Não respondeu	4

Fonte: produzido pelo pesquisador

Mesmo havendo um grande percentual na comunidade com água encanada, os moradores destacam a escassez de água, pois durante a seca, a maioria dos rios que antigamente eram perenes hoje apresentam escassez nos períodos secos do ano. Inclusive a barragem localizada na serra onde fornece a água encanada para comunidade, nos últimos tempos, durante a seca está diminuindo quase chegando a secar e por causa disso acaba impossibilitando a ida da água até as residências dos moradores do Riachão.

Mesmo nos períodos de chuva muitos moradores preferem buscar água nos córregos e no Rio Paraná, devido aos problemas de entupimento dos canos e a qualidade da água, utilizando das águas dos rios para beber, cozinhar e tomar banho.

A comunidade destaca que não existem acesso a água potável, pois as que eles consomem, não passa por nenhum tratamento, só os processos da natureza e que no período de intensa seca as águas dos rios não ficam com qualidade para beber, mas é a única disponível para consumo.

Quanto a destinação do lixo, este é comumente queimado, não existe nenhuma coleta do material na comunidade e para que as criações, principalmente os bovinos não comam esses detritos (roupas, sacos de linhagens, plásticos, entre outros), opta-se por armazená-lo e queimar em um barreiro nome dado a buraco aberto no solo. O material que não pode ser

queimado, é jogado no barreiro ou seja em um buraco no solo, não recebendo qualquer tipo de tratamento e gerando prejuízo impacto ao meio ambiente. Com relação a energia elétrica, todas as famílias possuem a instalação de rede elétrica.

Ao serem perguntados sobre os bens duráveis da família os resultados foram conforme apresentados na tabela 05:

Tabela 05: Bens duráveis de consumo

Discriminação	Sim	Não	1	2	3 ou mais
Automóvel	0	13			
Motocicleta	1	12	1		
Carroça ou charrete	0	13			
Cavalo/Burro/Mula	4	9	4		
TV em cores	11	2	11		
Máquina de lavar roupa	0	13			
Tanquinho	3	10			
DVD	1	12	1		
Videocassete	0	13			
Geladeira	11	2	11		
Freezer	0	14			
Celular	0	14			
Rádio	2	11	2		
Fogão a gás	13	0	13		
Bicicleta	0	0			
Camas com colchão	13	0			13
Redes de dormir	10	3	10		
Camas sem colchão		13			
Outros especificar					

Fonte: produzido pelo pesquisador

Ao serem perguntados a respeito dos seus bens duráveis de consumo obtivemos as seguintes informações. Dentre as 13 famílias entrevistadas nenhuma possui automóvel, enquanto 01 possui motocicleta, e apenas 4 famílias disse ter animais domésticos como burros, cavalos e mulas. Na comunidade nenhum dos moradores disseram fazer uso de charrete ou mesmo carroça, quanto à existência de aparelhos de TV em cores todos disseram possuir, quanto à existência de máquina de lavar roupa nenhuma família possui, 3 famílias disseram ter tanquinho, 1 possui DVD, ninguém possui videocassete, geladeira 13 disse possuir, freezer

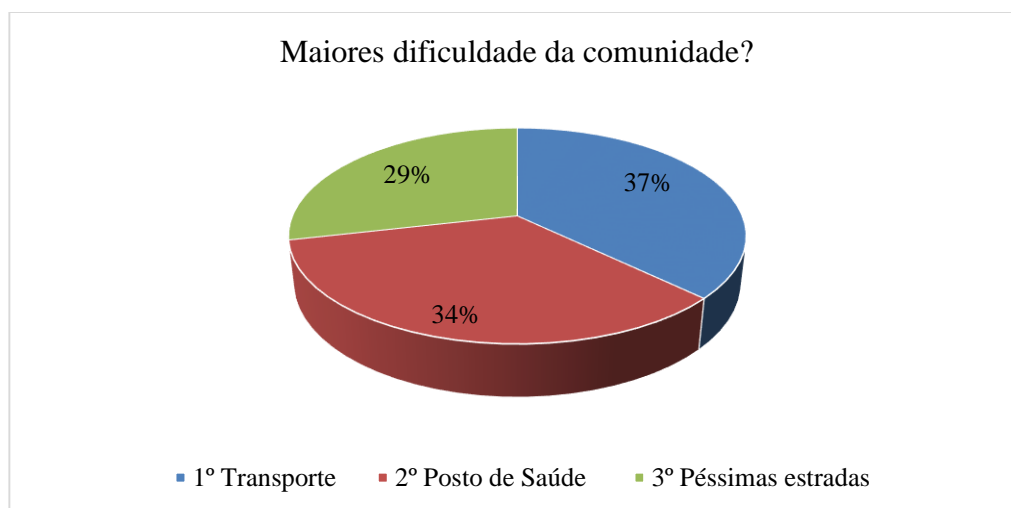
ninguém, celular, 10 possui, rádio apenas 2, fogão a gás 13 possui, bicicleta ninguém, cama com colchão 13 disse possuir, rede de dormir 10 possui.

Em todas as casas as famílias tradicionalmente utilizam o fogão à lenha fator intimamente ligado as condições econômicas e experiência vividas pela comunidade. Quando perguntados se havia presença do fogão a gás 13 disseram possuir. Mas indagaram utilizar somente no preparo do café da manhã, assar um bolo, ou refeições rápidas como peixes, quiabo ou jiló. O fogão a lenha é o principal nos preparos dos alimentos da comunidade, até mesmo no período de chuva que as lenhas estão úmidas, pois eles não têm condição de cozinhar apenas no gás. Sobre uso de camas com colchão 13 afirmaram possuir e 13 disseram que não possuem camas sem colchão e 10 afirmaram possuir redes de dormir.

Ao serem perguntados sobre a situação das terras da comunidade, observou-se que dos moradores 13 afirmaram possuir o Instituto Nacional de colonização e Reforma Agraria (Incra), mas não souberam responder se as terras possuem titulação individual coletiva. Mas destacaram que cada família tem seu pedaço de terra cercado.

E ao serem perguntados sobre o que mudou depois da presença do INCRA, 5 disseram não ter mudado nada e 8 disse ter ficado bom, pois cada um está sabendo onde é seu pedaço de terra, o que evita brigas.

Figura 15: Maiores dificuldades da comunidade? Em ordem de importância segundo os moradores entrevistados.



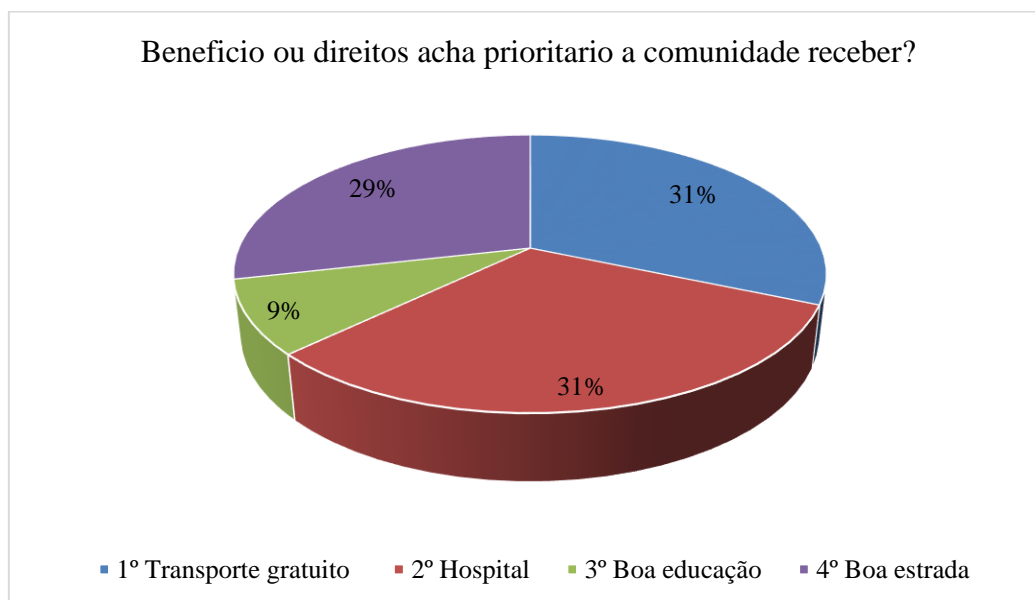
Fonte: produzido pelo autor.

Quando perguntados quanto as maiores dificuldades enfrentadas pela comunidade chega-se a uma significativa discussão com 36% falta de transporte público, pois eles possuem, como transporte só algumas caminhonetes particulares de alguns moradores, que da comunidade até a cidade de Monte Alegre Goiás a passagem custam 30 reais, fora as

mercadorias que são cobradas à parte de acordo com quantidade, as vezes o dinheiro que ganham não dar para comprar quase nada, pois a passagem totalizando ida e volta sai por 60 reais fora os insumos e 33% disse a falta de algum atendimento médico como um posto de saúde, pois quando algum moradores adoecer eles se deslocam até a cidade, ou tentam curar com saberes transmitidos dos seus antecedentes, usando as plantas medicinais ou benzimentos, mas destacam que hoje isso as vezes não está funcionando, e como não tem nenhum posto de saúde na comunidade, tem que fretar carro que sai uns R\$ 400 reais para levar o doente até o hospital da cidade. E 28% destacaram as péssimas estradas, que estão cheias de buracos serras perigosas, no período de chuva atoleiro e rio que acaba impossibilitando a ida deles até a cidade para fazer suas compras e dentre outras necessidades.

Com experiência de convívio no local e diálogo com a comunidade, podemos observar realmente as péssimas condições das estradas que dá acesso na comunidade, estão toda cheia de erosão serras com bastante pedras soltas, atoleiro no período de chuva, que dificulta mais ainda caminhonetes subir. Vale destacar que os carros baixos têm muita dificuldade de chegar até na comunidade, e as vezes nem chega até no local.

Figura 16: Os benefícios (direitos) que você acha prioritário para a comunidade receber?



Fonte: produzido pelo autor

Certamente quando questionados quanto aos benefícios prioritários à comunidade, 42% destacaram prioridade em receber transporte gratuito e um hospital, para não precisar se deslocar sempre, até a cidade para realizar um atendimento médico e 11% destacaram investimento em uma boa educação, pois a comunidade é muito carente nessa área, não possui

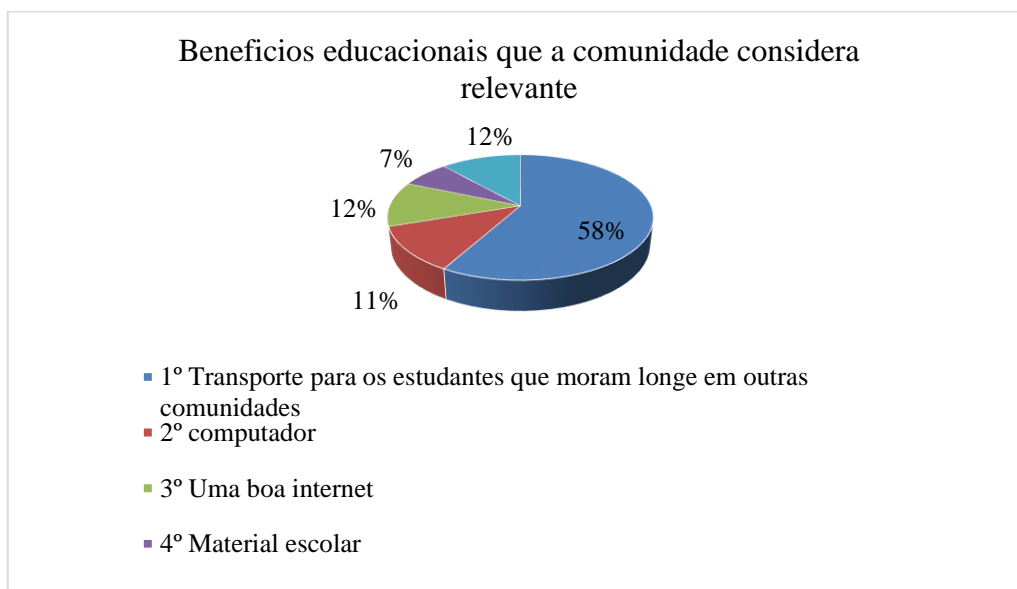
professor com boa formação, materiais escolares e nem estrutura. Também destacaram a necessidade de uma boa estrada para diminuir o sofrimento deles e facilitar acesso à cidade de Monte Alegre GO. Fica visível que estes são reféns das péssimas condições as quais se encontram essas estradas que dá acesso à comunidade.

Ao serem questionados, se existe alguma doença que afeta predominante comunidade. Disseram ser comumente afetados com doenças como, dor de cabeça, febre, gripe dor de coluna e 1 família disse o quebrante em crianças e 2 a doença do coração. Com o conhecimento adquiridos culturalmente de seus antepassados buscam suas curas nas plantas medicinais existentes na própria comunidade. Caso a doença seja muito grave que não pode ser resolvido com os conhecimentos e remédios tradicionais da comunidade, eles buscam atendimento até a cidade em Monte Alegre GO.

Com o acesso as cidades e as influencia tecnológica da modernidade em larga escala a comunidade vem-se modificando muitas de suas tradições. As novas gerações não têm dado tanta importância a esses conhecimentos e por vezes desconhecem as plantas do próprio quintal.

Quando questionados sobre a infraestrutura relacionada à saúde, e se a busca de atendimento na área de saúde ocorre em que local, 100% dos moradores afirmam que o atendimento ocorre na cidade, e utilizam-se das caminhonetes particulares como meio de transporte para alcançar o atendimento.

Figura 17: Benefícios educacionais que a comunidade considera relevantes



Fonte: produzido pelo autor

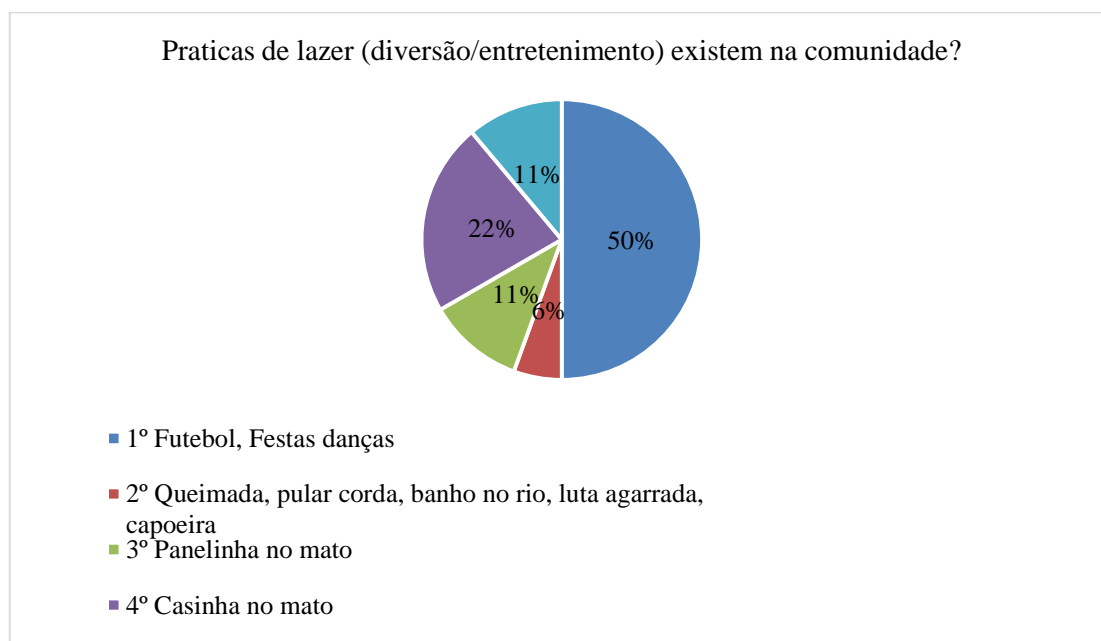
Quando perguntamos quais seriam os benefícios educacionais que a comunidade considera relevante receber, 66% destacaram meio de transporte, para os alunos que moram distante da escola, pois os alunos têm que acordar ainda com o escuro para ir para escola. E

quem faz o ensino médio na comunidade, vai à noite com uso da lanterna. Os moradores das comunidades circunvizinhas que frequentam a Escola Estadual Kalunga II na Comunidade Riachão, não tem como se deslocar a pé, devido à distância, alguns acabam por abandonar a escola e outros fazem o trajeto com o uso da motocicleta, os que tem condições de adquirir tal veículo.

Após analisar podemos perceber a imensa dificuldade enfrentadas pelos estudantes da comunidade, pois tem que andar quilômetros até a escola, a maioria sem tomar café da manhã e as vezes volta sem comer nada, pois falta alimentos escolares. Com essas dificuldades com certeza interfere bastante no rendimento dos alunos, pois chega cansado na escola após andar vários quilômetros e as vezes sem comer.

Além disso 10% entrevistados disse ser relevantes para comunidade, computadores, investimento em materiais escolar e uma boa internet para pesquisar e fazer trabalhos, 2 entrevistados com a sua simplicidade disse sem ter a certeza, que acha a comunidade não precisar de benefício no âmbito escolar, que hoje tem escola e vários professores e no tempo dele antigamente não tinha nada disso e nem roupa boa para ir para escola, nem materiais escolares.

Figura 18: Práticas de lazer existentes na comunidade

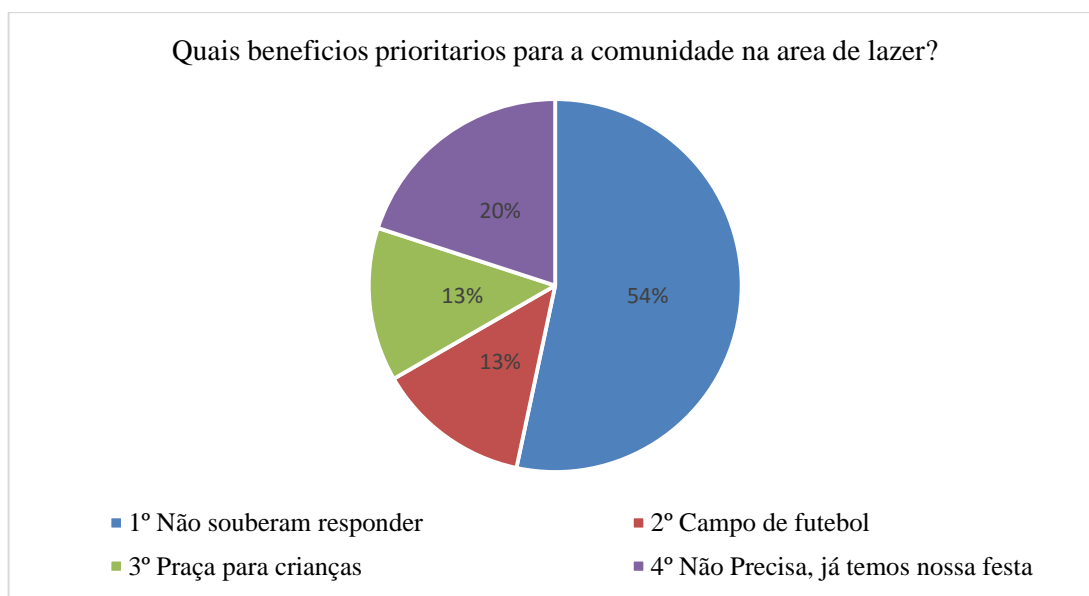


Fonte: produzido pelo autor

Quais os recursos estruturais existentes na comunidade em relação à prática de lazer? Ao fazer essa pergunta para os entrevistados percebemos que na comunidade tem como lazer elementos culturais das suas manifestações e brincadeiras tradicionais passada geração em geração.

Após análise de dados (futebol, festas, danças) ficou com 50%, (casinha no mato) com 22% e (queimada, pular corda, banho no rio, luta agarrada, capoeira) e (panelinha no mato) com 11%.

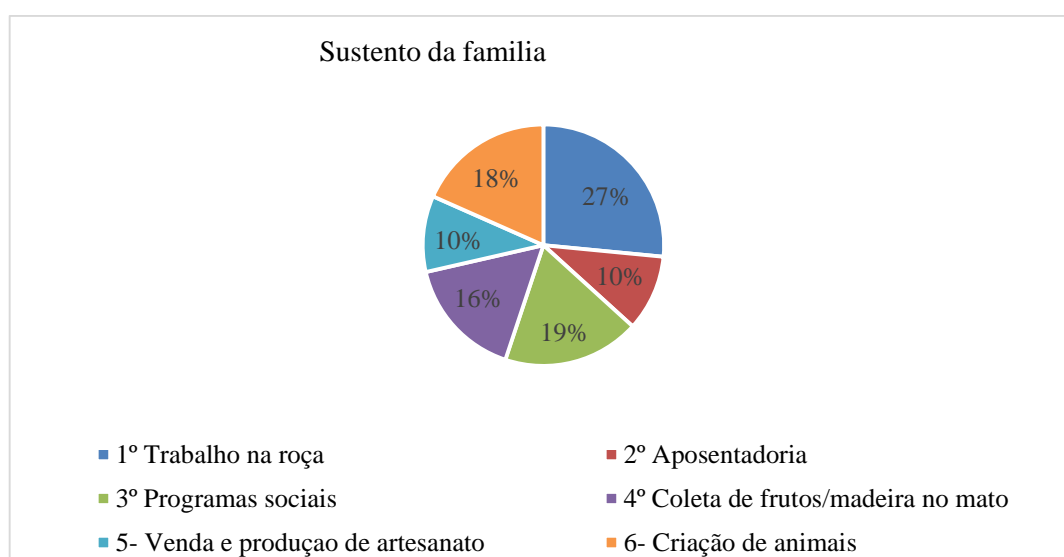
Figura 19: Benefícios prioritários na área do lazer para a comunidade



Fonte; produzido pelo pesquisador

Quando questionamos quais seriam os benefícios prioritário a comunidade precisa a receber na área do lazer, 54% dos entrevistados não souberam responder, 20% disse não precisar, pois já tem as festas praticadas na comunidade, que serve como lazer e divertimento e 13% disseram ser necessário uma praça para criança e campo de futebol.

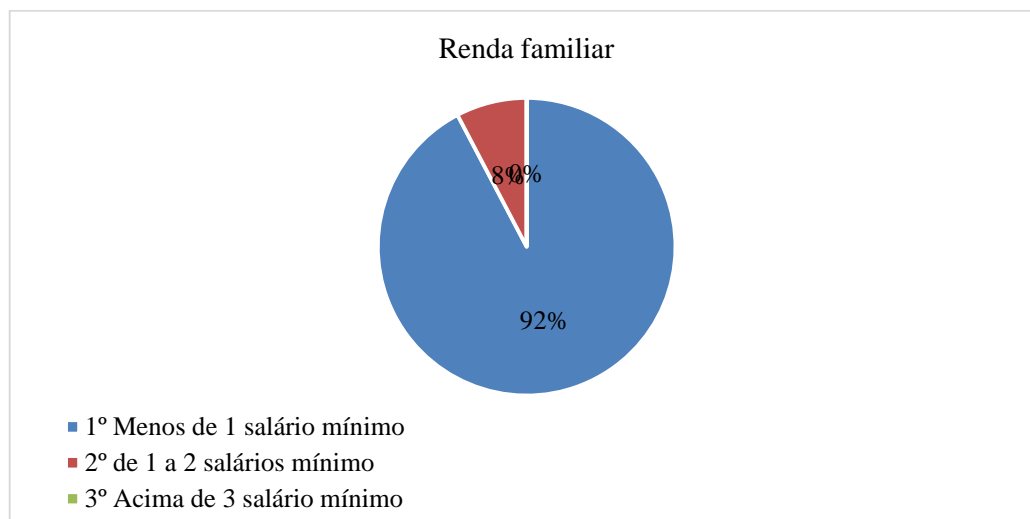
Figura 20: De onde vem o sustento da família?



Fonte: produzido pelo autor

Ao ser questionado sobre de onde vem o sustento da família, percebemos que mesmo, algumas famílias recebendo o bolsa família e aposentadoria, eles têm suas economias baseadas nas suas plantações de roça, a cultura de subsistência e coleta de frutos do cerrado que são variadas finalidades de uso na comunidade. Além disso maioria das famílias da comunidade criam animais e galinhas para ajudar no sustento.

Figura 21: Renda familiar



Fonte: produzido pelo autor

Ao questionar sobre a renda familiar da comunidade identificamos que 92% possuem renda menor que um salário mínimo, o sustento familiar oriundo de programas sociais, de trabalho na roça, ou de criação de animais. Os que ganham entre um e dois salários mínimos são 8%, percebe-se que um percentual muito baixo.

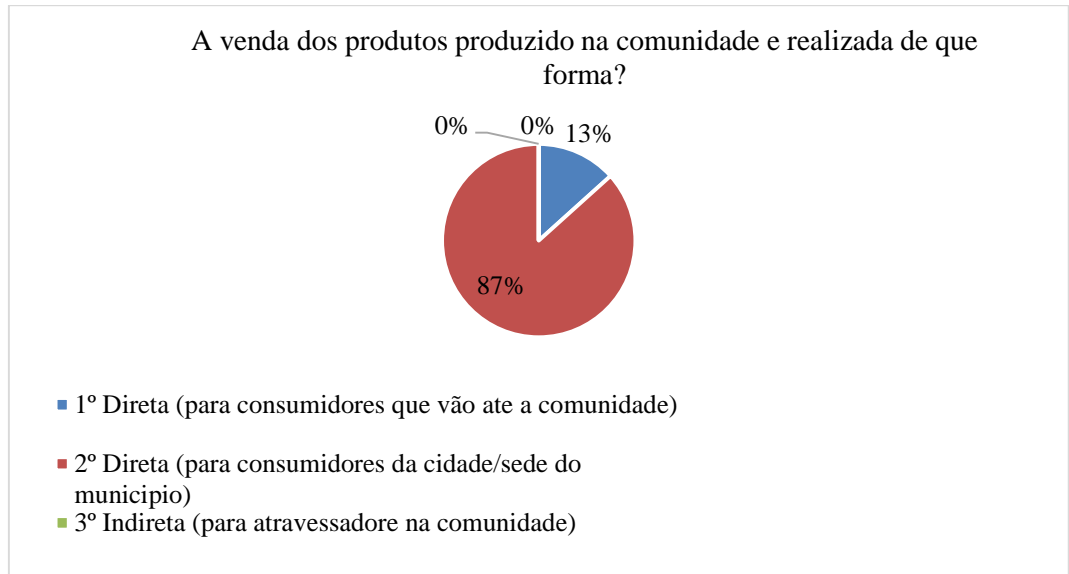
Levando-se em consideração esses aspectos a comunidade ainda precisa muito de uma forma predominante de trabalho para gerar renda na comunidade, falta políticas públicas para geração de emprego e aumento da produtividade advinda da agricultura familiar. Mas para ter a agricultura familiar como fonte de renda a comunidade precisa de alguns recursos, como assistência técnica, cursos voltados a agricultura e na atualidade um dos grandes problemas que estão impedindo a produção na roça dos Quilombolas na comunidade são a falta de água, pois nos últimos tempos a chuva tem diminuído bastante e com isso fica impossibilitado a produção, pois eles dependem desse fenômeno natural para produzir seus alimentos.

Observando na atualidade a necessidade de fontes variadas de geração de renda além da agricultura, muitas comunidades detentora de bens culturais e naturais estão optando na implantação do turismo de base comunitária.

O turismo na comunidade Riachão apresenta-se como oportunidade, entretanto a falta de saneamento básico como água, banheiro e as condições de produtos para subsistência dos moradores

são fatores limitantes e também a falta de incentivo e empoderamento da comunidade nas atividades turísticas.

Figura 22: A venda de produtos produzidos na comunidade é feita de que forma?

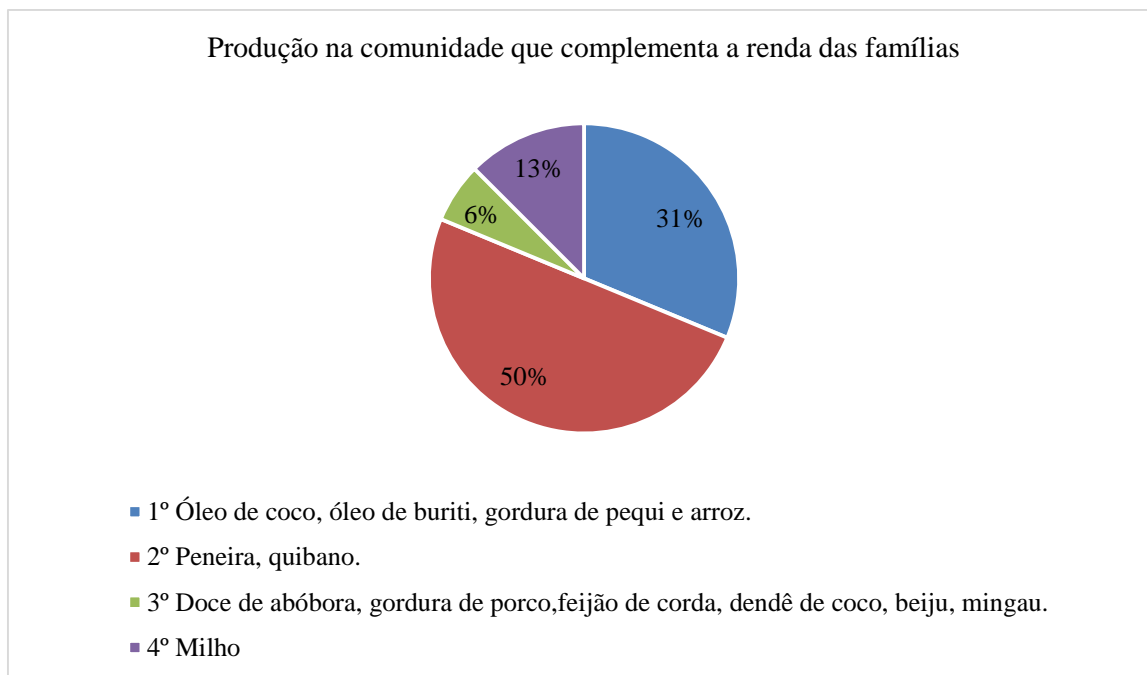


Fonte: produzido pelo autor

Ao perguntar sobre as vendas de produtos produzidos na comunidade de que forma é feita, percebemos que 87% dos entrevistados disseram que são diretas para consumidores da cidade ou do município, e só 13% disse são diretas para consumidor que vão a comunidade, constantemente as pessoas da comunidade vende mais na cidade os produtos produzidos na comunidade, raramente vai pessoas até a comunidade comprar produtos até por que acesso ao local e muito difícil.

Ao fazer a pergunta da economia predominante na comunidade 100% dos entrevistados disseram a agricultura/subsistência. E a referência econômica da comunidade, ligadas a plantações das roças, produção de farinha, criações de animais, galinhas e entre outros.

Figura 23: Produção na comunidade que complementa a renda das famílias



Fonte: produzido pelo autor

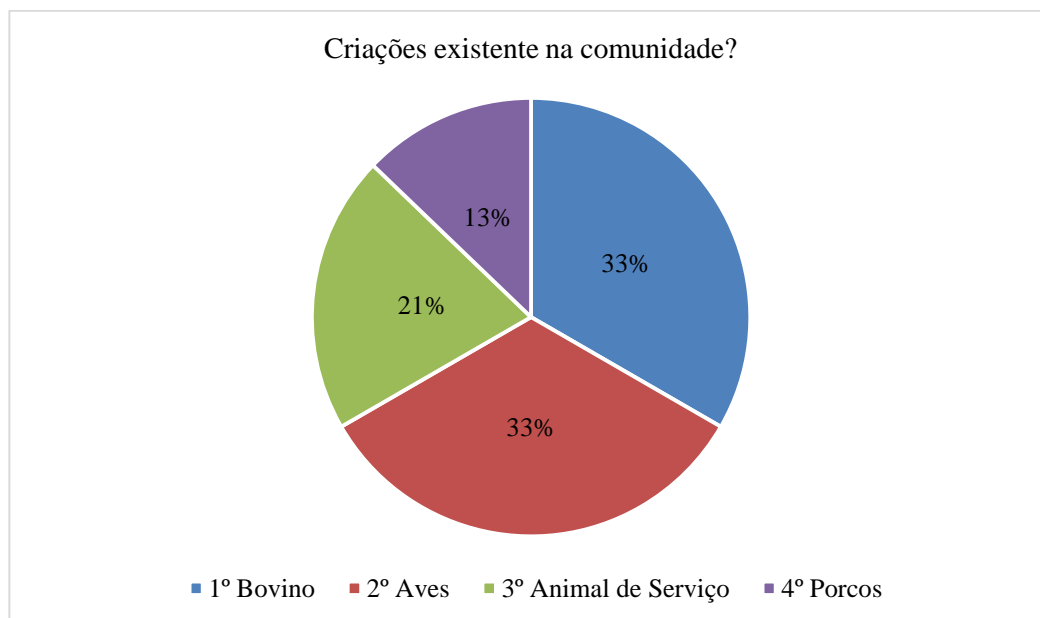
Ao serem perguntados sobre a produção da comunidade que ajuda na renda familiar, os entrevistados se sentiram à vontade e disseram ser variadas, como os produtos feitos artesanal, tipiti, quibano, peneira, ou coletas de frutos do cerrado.

Também como complementos 31% destacaram óleo de coco, óleo de buriti o arroz e o milho que são uma das principais plantações das famílias. E com 6% ficou o doce de abóbora, gordura de porco, feijão de corda, dendê de coco, beiju e mingau. Vale destacar que segundo os entrevistados, esses produtos que complementa a renda da família, não são feitos exclusivamente para venda, mas para consumo próprio.

Ao serem perguntadas sobre quais são as principais dificuldades enfrentadas na área agrícola pela comunidade a maioria dos entrevistados questionaram a falta de chuva, pois antigamente tudo que eles plantavam, tinham uma boa colheita, e hoje as vezes temos apenas o trabalho, quando as plantações estão precisando de chuva, ela para, sem chuva a plantações acabam morrendo ou tendo baixa produtividade, destacaram os entrevistados. Em segundo, questionaram a capina e a vigia, pois é muito trabalhoso, temos que limpar o terreno todo na enxada e as vezes de 3 a 4 limpa, até chegar ao ponto de colheita, e a vigia também é um pouco complicado, pois quando plantamos devemos vigiar a roça até o arroz ficar grande para os bichos não comerem e quando está próximo a colheita devemos vigiar também, até ele ficar maduro para colher. E as vezes é difícil pois a gente tem criança que estuda, então devemos ir para roça e voltar para fazer comida para eles, como eles estudam não dar para eles vigiar em alguns períodos. Além disso também tem os problemas com

entrada de gados nas roças, come as plantações e com isso acaba atrasando a colheita e até reduzindo na produtividade.

Tabela 24: Criação existente na Comunidade



Fonte: produzido pelo autor

Ao fazer a pergunta sobre a criação existente na comunidade, percebe-se que a criação recorrente é a criação de bovinos, aves e animais de serviços. E a quantidade criada por cada família eles não especificou o número exato mais disse criar pouca quantidade. E na questão das aves as vezes eles têm muito, mais predadores naturais come, como as raposas, gato do mato, jiboia e também adoece e morre.

Ao ser perguntados como se dar a preservação do cerrado a atividade produtiva, um morador apontou que fazer roça por um período, depois deixar o mato recuperar para não estragar a raiz é uma forma de manter a produção e descansar a terra para garantir a preservação. Já 12 moradores não souberam responder. Vale destacar que esses modelos de fazer as roças por um período e depois deixar reflorestar e acatado por todas famílias da Comunidade.

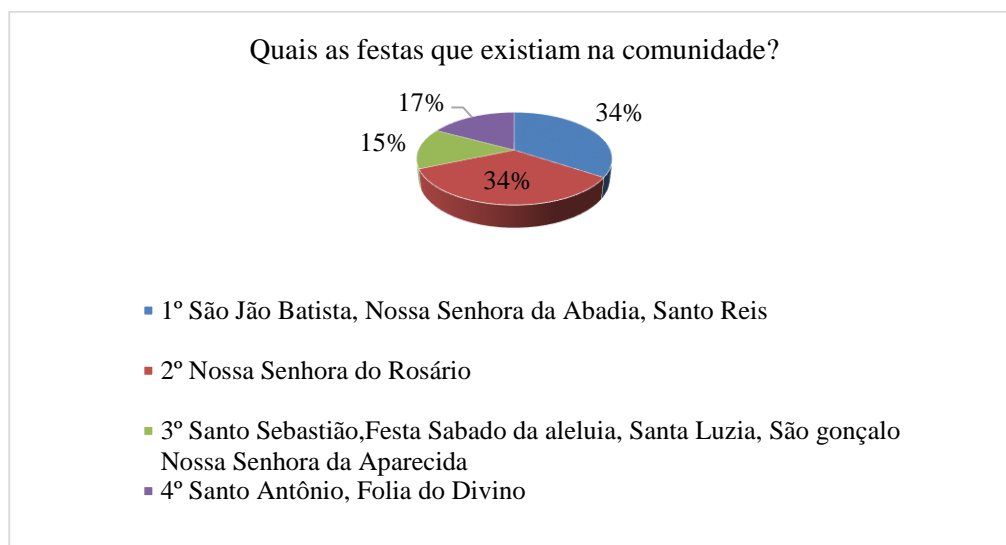
Ao serem perguntados sobre quais são as ações prioritárias na conservação da área do cerrado a serem desenvolvidas na comunidade, um disse evitar colocar fogo na serra e 12 moradores não soube responder. Sendo assim, nos aponta a necessidade de pensar ações de formação e informação sobre a importância da preservação do cerrado para a comunidade e como eles pode ajudar a conservar esse bioma tão rico.

Dos entrevistados 3 famílias afirmaram saber que a comunidade possui associação registrada e 10 disse que seus líderes são ativos e identificaram eles, Procópia Tico ex-vereador, Lourdes e Maria Helena. E sobre as principais dificuldades da comunidade no que diz respeito

à organização interna e busca de benefícios, 10 não souberam responder e 3 destacaram a falta de organização da comunidade.

E sobre quais os cursos prioritários que a comunidade desejaria receber, 12 não souberam responder e um disse ser curso voltado na área agrícola. Pois hoje as plantações não estão produzindo como antigamente, onde quase tudo que plantava produzia, hoje tem que ter manejo regulado, para evitar insetos e doença nas plantações.

Aspectos culturais presente na Comunidade Quilombola Kalunga Riachão conforme figura 25.

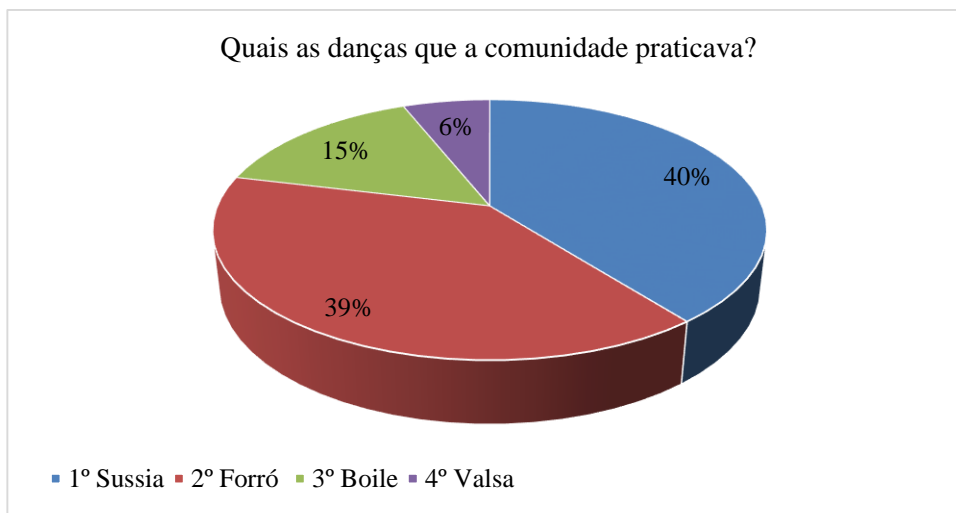


Fonte: produzido pelo autor

Ao serem perguntados sobre quais eram as festas que existiam na comunidade 34% dos entrevistados disseram que existiam festa de São João Batista, Nossa Senhora da Abadia, Santo Reis, 17% disseram Santo Antônio, Folia do Divino e 15% Santo Sebastião, Festa Sábado de Aleluia, Santa Luzia, São Gonçalo, Nossa Senhora de Aparecida. Essas festas estão espalhadas no território kalungas e todas ainda são praticadas

Ao perguntarem quais dessas festas ainda são praticadas na comunidade; eles disseram que todas, ou seja, todas que existiam antigamente, ainda são praticadas, mas não são todas na comunidade Riachão. Houve muitas transformações nas manifestações culturais destacaram os entrevistados.

Figura 26: Quais as danças que a comunidade praticava, destacam;



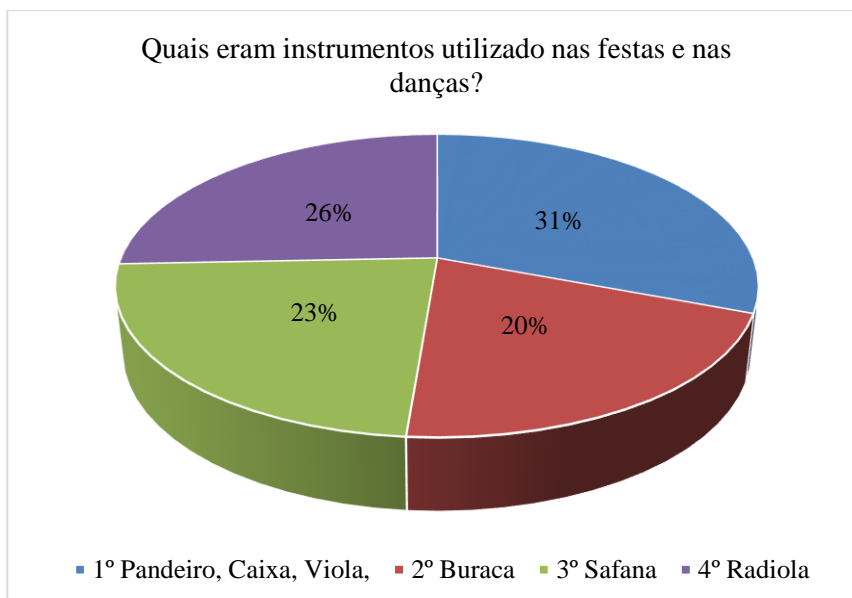
Fonte: produzido pelo autor

Certamente a comunidade praticava fortemente a dança sussa, pois ao perguntarem sobre as danças que existiam antes na comunidade, 40% disseram a sussa, 39% disse o forro feito com sanfona, buraca e viola 6% disse a valsa.

Ao serem perguntados em quais os momentos aconteciam essas danças, 100% dos moradores apontam que eram nos momentos de festas, e depois das rezas, “[...] antes ninguém no momento de reza ninguém fazia barulho, hoje é som ligado com a gente rezando”.

Ao perguntar quais as danças eles ainda praticam, todos os moradores destacaram a Sussa e o forro, percebe-se que a valsa, bole não são mais praticadas na comunidade. Hoje em dia está difícil manter as tradições das comunidades tradicionais pois com o avanço tecnológico, as gerações nova não quer mais saber desses elementos culturais

Figura 27: Quais os instrumentos eram utilizados nas festas e nas danças

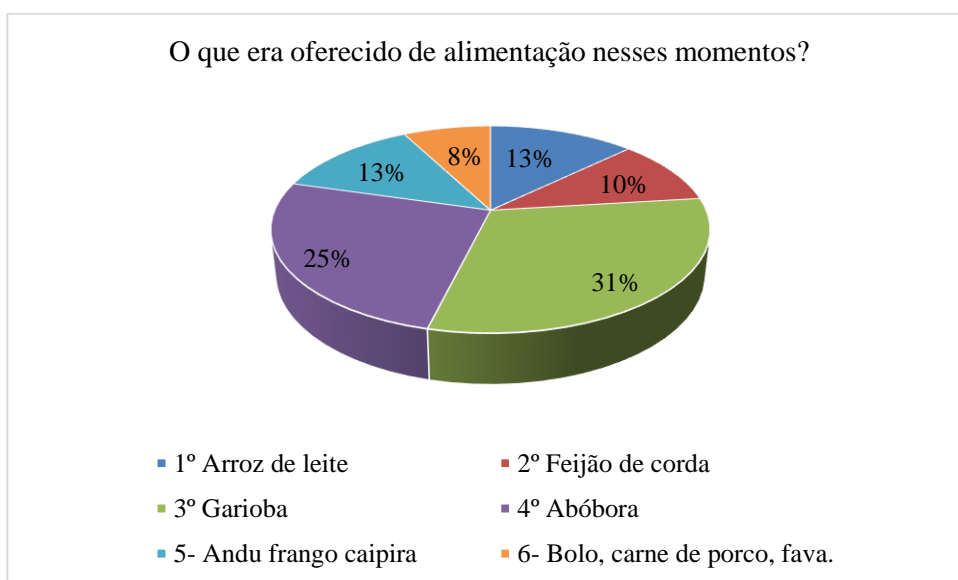


Fonte: produzido pelo autor

Quais os instrumentos eram utilizados nas festas e nas danças, 31% afirmam que utilizavam caixas, pandeiro, buraca e viola; enquanto 26% afirmam que usavam radiola e 23% a sanfona. Alguns instrumentos como a sanfona radiola a buraca não são mais utilizados nas danças nem nas festas. Hoje vemos que já perdemos muitos objetos culturais que poderiam conter muitas histórias para nos refletir e conhecer mais a nossa história.

Percebe-se que hoje a comunidade já não tem ou não usa, alguns dos instrumentos que utilizavam antes, para realizar suas danças e festas, 100% dos entrevistados disseram que hoje são utilizados somente a caixa, pandeiro e viola, e não tem mais radiola, hoje tem energia elétrica então usa som de casa ou até de carro, para realizar o forró.

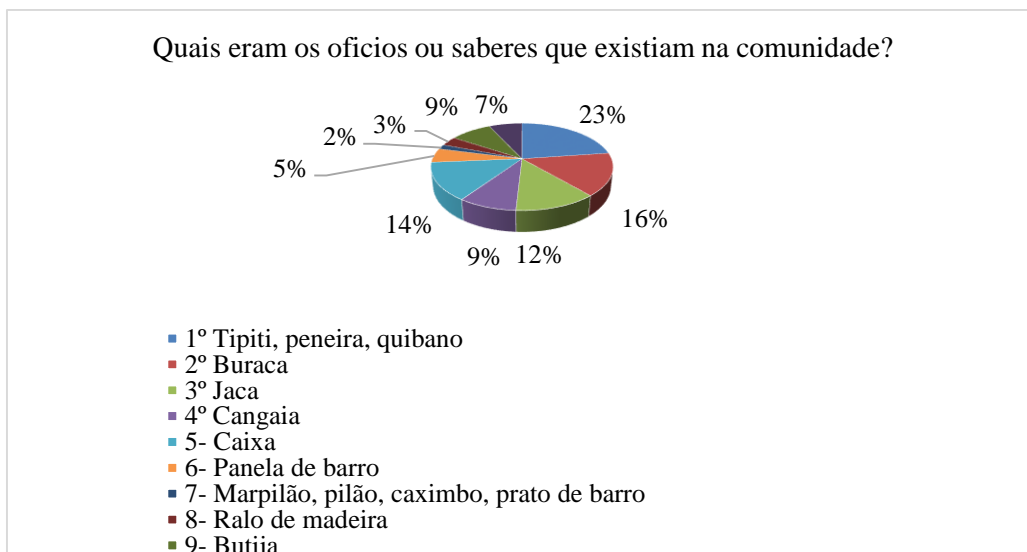
Figura 28: O que era oferecido de alimentação nesses momentos



Fonte: produzido pelo autor

Quanto aos alimentos que eram oferecidos nesses momentos, todos disse ser a maioria alimentos produzidos na comunidade, como o feijão de corda, fava, abóbora, garioba, arroz de leite, bolo, andu e frango caipira. Hoje mudou, muito pois atualmente temos condição de dar carne frango, que antes não tínhamos condição.

Figura 29: Quais eram os ofícios ou saberes, que existiam na comunidade?



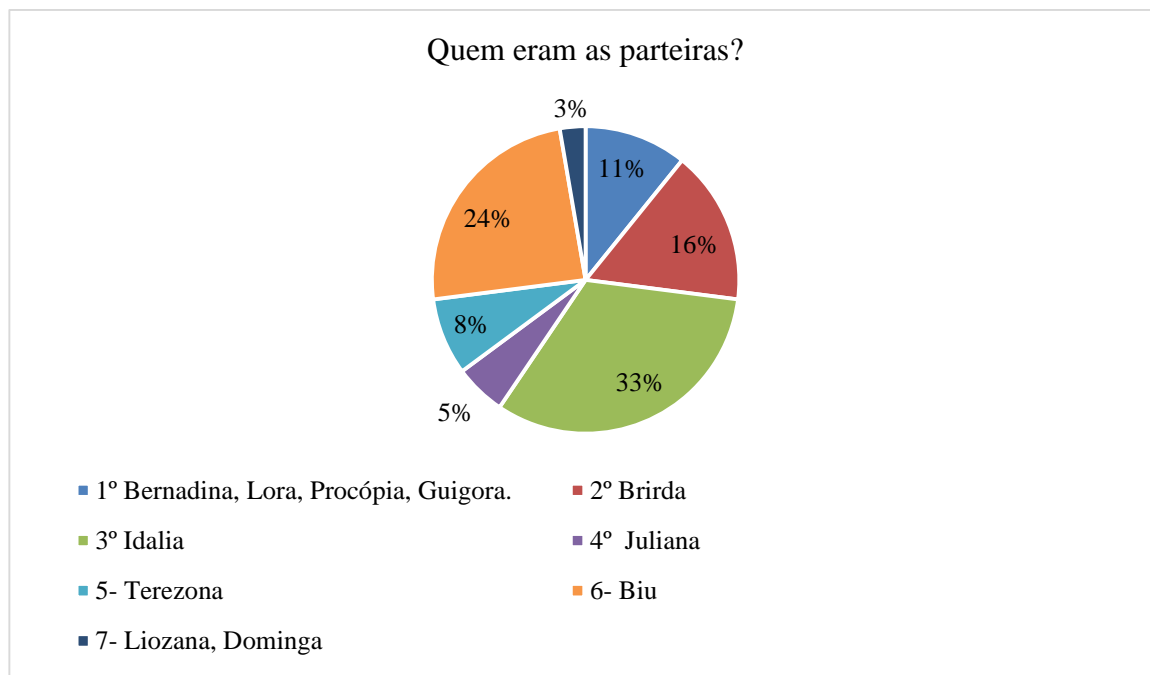
Fonte: produzido pelo autor

Quanto aos ofícios que existiam na comunidade 23% destacam a produção do tipiti, quibano, peneira, e para 14% são as caixas, 16% buracas, 12% o jaca 9% cangaia e botija, 7% Adobe, 5% ralo de madeira e 2% marpilão (mão de pilão), pilão e prato de barro.

Ao serem perguntados sobre o que a comunidade produzia de objetos artesanais, 100% destacam que era o que eles tinham dito nos ofícios, como o tipiti, quibano, peneira e buraca. E disse que muitos desses objetos artesanais, as pessoas da comunidade nem faz, até por que muitos que sabiam fazer esses objetos morreram e os mais jovens não sabem.

Ao serem perguntados se existia parteiras na comunidade todos responderam que sim e ao serem questionados sobre quem eram elas, disse conforme a figura 30

Figura 30: Quem eram as parteiras da comunidade.



Fonte: produzido pelo autor

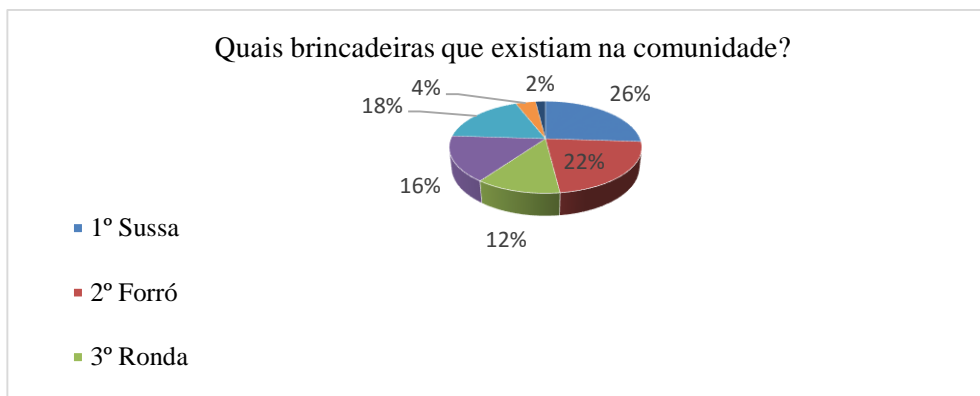
Ao serem perguntados se existiam parteiras a respostas foram todas que existiam sim, algumas já falecida e outras ainda se encontra no presente momento, só que nos últimos anos deixaram de praticar essa ação na comunidade, pelo fato do meio de transporte se tornar mais fácil e as mulheres não ganham mais bebe aqui, mais que se precisar de fazer os mesmos procedimentos ainda se encontra pronta para fazer o parto.

Os entrevistados destacam parteiras na comunidade, com 33% dona Idália, 24% Biu, 16% Brirda, 11% Guigora, 8% Terezona, 5% Juliana e com 3% Liozana e Dominga. Vale destacar que essas parteiras estão localizadas em diferentes comunidades, mais para atender as necessidades, buscam umas às outras. Agora ninguém mais está ganhando menino aqui e só na cidade, antes era por que as coisas eram bem mais difíceis que hoje, mas dava certo.

Ao perguntar o que é vigia? 100% dos entrevistados, com sua simplicidade e humildade responderam, vigiar os bichos nas roças para não comer suas plantações. Eles destacaram as dificuldades da vigia e a questão dos bichos atentar muito e os meninos estão muitos lerdos, as vezes deixa os bichos comer o arroz. Disseram que a vigia acontece da mesma que antigamente.

Ao ser perguntado sobre quais eram as brincadeiras que existiam na comunidade, podemos observar as respostas na figura.

Figura 31: Quais as brincadeiras que existiam na comunidade?

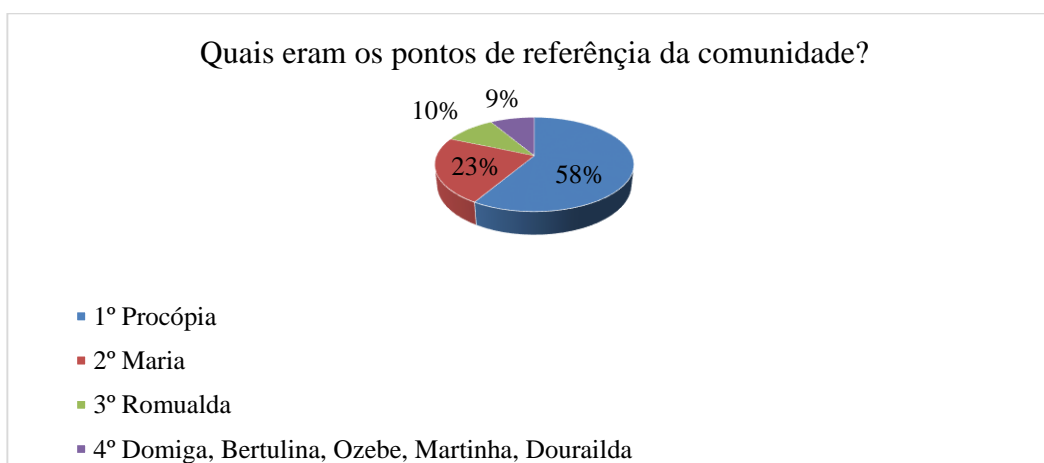


Fonte: produzido pelo autor

Ao serem perguntados quais as brincadeiras que existiam na comunidade, foram citadas diversas brincadeiras, com 26% a sussa 22% o forró, 18% casinha no mato 16% brincar de boneca, 16% ronda e a baixo a ciranda e colhezeiro de buriti e pano. Essas brincadeiras não são mais praticadas pelas crianças na comunidade.

Ao serem perguntados sobre as cantigas de rodas que existiam na comunidade onze moradores destacaram lembrar das cantigas de rodas e ao solicitar se podia cantar a maioria disse não querer. Três moradores disseram não lembram de cantigas de roda. Observa-se que a diversas pessoas mantem nas suas lembranças memórias das cantigas da sua infância, entretanto não sentem à vontade para expor e que só nos momentos das manifestações culturais da comunidade que são relembradas.

Figura 32: Quais eram os pontos de referência da comunidade?



Fonte: produzido pelo autor

Ao serem perguntados quais eram os lugares de referências da comunidade, 58% disseram ser a casa da dona Procópia, uma das grandes representantes da comunidade, 25% disse a casa de Maria, 10% disse a casa de Romualda e 9% disse dominga, Ozebe, Dourailda.

Os moradores destacaram que as letras das músicas cantadas nas manifestações religiosas da comunidade são produzidas pelos foliões e devido a timidez não quiseram cantar.

Ao perguntarem os entrevistados quais eram os lugares que utilizavam para pegar água para o uso doméstico e banho no passado e no presente. Disseram que a comunidade utilizava dos rios para banho, uso doméstico e lavar roupas, hoje a comunidade possui água encanada mais ainda utilizam dos rios quando tem problema com a água encanada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrar as histórias, saberes, fazeres e constituir um diagnóstico socioeconômico e sociocultural é de grande importância para me e para a comunidade Kalunga Riachão. Pois vejo que, enquanto sujeito participativo desta pesquisa é um momento especial de abordar, valorizar e resgatar o conjunto de saberes da comunidade que se encontra em transformações e mudança com elo a modernidade.

Ao pesquisar ficou evidente que a comunidade é detentora de um vasto patrimônio cultural, passado por gerações através da oralidade, e que atualmente com o contato tecnológicos modernos, vem transformando e modificando, os saberes e fazeres da comunidade, que tange eles, as festas, rezas, sussa, canções, danças, crenças, etc. Eventos de suma importância para nós, Kalungas, uma vez que podemos agradecer e louvar à Divindade que nos traz bênçãos e prosperidade. As rezas são momentos de louvar o santo exposto no altar, conforme podemos constatar na imagem a seguir, que apresenta em um arremate da folia do Divino Espírito Santo, quando os mais velhos se posicionam em frente ao chamado altar, espécie de casinha onde fica o santo festejado, reunindo os donos da casa e também outros moradores presentes, que fazem a louvação.

Figura 33: Altar para colocar os santos festejados



Fonte: Reis, 2018

Após a reza, é o momento de dançar a sussa em agradecimento ao Santo festejado, com a participação de homens e mulheres.

As brincadeiras, danças, crenças e os saberes e fazeres culturais da comunidade eram praticados antigamente pelos ancestrais, e alguns atualmente existem apenas nas memórias, das pessoas mais idosos, e para tomar conhecimento é necessário que se apele para suas recordações, como por exemplo forró com sanfona, bolé, uso do jacá, entre outras. Com isso este trabalho vem contribuir com a comunidade de forma significativa a medida que traz registros das memórias desses ancestrais e da cultura kalunga. Os métodos e técnicas utilizadas no desenvolvimento da pesquisa, possibilitou a interação entre as pessoas da comunidade e o pesquisador. As entrevistas e conversas formais e informais foram de suma importância para conseguir mergulhar nos bens culturais da Comunidade Riachão.

Questionamentos levantados na pesquisa despertaram um olhar distinto sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade, que são eles dentre vários, a falta de transporte da comunidade até a cidade, estradas de difícil acesso, saneamento basico falta de atendimento médico e políticas públicas de geração de emprego e renda.

Entendemos que o estudo possibilitou, como aponta o IPHAN, (2013, p.6), O inventário é uma atividade de educação patrimonial, portanto, seu objetivo é construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre a escola e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas.

Por fim agora precisamos criar ações de revitalização, socialização, de trocas dos saberes, de salvaguarda e valorização dos bens culturais da comunidade. Essa pesquisa é um primeiro passo para compreender o patrimônio cultural da comunidade.

Outro elemento que pode ser pensado para desenvolvimento e geração de emprego e renda, com valorização da cultura local é a estruturação do Turismo de Base Comunitária – TBC, na Comunidade Riachão. Observa-se constante crescimento de deslocamento de pessoas com finalidades turísticas recreativas para variadas regiões do país que tornam a prática turística responsável por um dos mais importantes setores econômicos do mundo em termos de geração de renda e emprego.

Turismo é um fenômeno social complexo, na qual envolve o deslocamento de pessoas de uma localidade para outra com finalidades e interesses diversos. Segundo Moesch, (2002) a atividade turística não é disjuntiva, nem linear, mas sim uma construção dinâmica que envolve a prática de viajar fora do seu habitat, deslocar por prazer e as motivações para essa atividade são diversas, desde relacionada a fatores psicológicos, educacionais, culturais, econômicos, sociais, políticos e entre outros.

O turismo de base comunitária tem sido explorado com seu potencial de geração de oportunidades de desenvolvimento para as comunidades tradicionais ou pequenas comunidades agrícolas. São iniciativas de atividades protagonizadas pelas comunidades locais que se organizam, planejam e operam os serviços e atividades turísticas ofertadas em seus territórios, inicia de “dentro para fora”, mas para isso, depende do empoderamento de seus moradores para se tornarem líderes do planejamento e a execução da atividade.

As iniciativas do TBC, devem ter como protagonista a comunidade, desde na decisão, planejamento, estruturação e execução. Além de proporcionar experiências turísticas que geram emprego e renda para a comunidade local. Como destacam Mielke, Pegas (2013, p.173).

É fundamental deixar muito claro que os projetos de turismo de base comunitária devem ter como princípio básico a melhora da condição de vidas das pessoas que residem em regiões onde, via de regra, são excluídas do sistema econômico. Regiões estas onde o estado se faz pouco presente e uma das poucas possibilidades de incremento de renda e geração emprego se dá através justamente de iniciativas onde a atividade econômica de fundo é o turismo (MIELKE, PEGAS, 2013, p. 173).

Além do TBC ter como planejadores os atores da comunidade, ele também deve ser pensado para minimizar desigualdades econômicas e agir de forma menos agressiva, inclusiva, igualitária nas questões naturais e culturais, respeitando dentro dos limites as especificidades de cada recurso utilizado.

Na atualidade há um crescente número de visitas a sítios históricos, então se bem planejado para promover a preservação do patrimônio cultural através do turismo, pode ser uma boa ação para o desenvolvimento educacional de um patrimônio. Mas para ter resultados positivos a atividade deve ser organizada com a comunidade, pois apenas elas têm o conhecimento mais profundo sobre seu patrimônio. E a experiência turística deve ter interpretação e momentos de sensibilização aos visitantes explicando o valor que tem aquele patrimônio para os detentores.

De acordo com a constituição Federal patrimônio cultural são todos os conjuntos de valores formado em um grupo ou comunidade que inclui crenças, artefatos, conhecimento, instrumentos, técnicas de produção, manifestações e entre outras práticas passada de geração em geração de suma importância para os seus detentores. Por meio dessas práticas, os diferentes grupos culturais expressam seus modos de vida, sua identidade cultural e relações com a natureza.

Ao entender esses patrimônios existentes em comunidades tradicionais como potencial do TBC, vale a pena nos estudantes Quilombolas sensibilizar e fomentar essa atividade com a comunidade, de forma que ocorra a valorização do patrimônio e desenvolvimento econômico no local. A expectativa do turismo ligado as culturas em comunidades são duradouras, pois cada vez mais as pessoas têm buscado, através da realização de viagens turísticas, uma experiência ligada ao patrimônio cultural. Ao contrário do turismo praticado nas décadas de 60 e 70 onde sol e praia eram uma das principais motivações dos turistas, hoje o turismo na perspectiva cultural corresponde grande porcentagem das motivações das viagens dos turistas no mundo. Este tipo de turismo, planejado por comunidades para atrair turista com interesse em vivenciar o cotidiano, a cultura popular, arte, arquitetura, eventos festivos, lugares patrimoniais históricos, saberes, fazeres e entre outros conjuntos culturais de uma comunidade.

Como o número de turista com interesse pelas questões culturais estão ganhando espaço nas viagens dos brasileiros, podemos aqui destacar a oportunidade no desenvolvimento dessa atividade com elo ao TBC o Território Quilombola do município de Monte Alegre, região denominada de Vãos da Serra Geral no Nordeste de Goiás, a qual se caracteriza por ser uma área de cerrado. Porém os aspectos potenciais não estão somente atrelados aos elementos naturais, mas especificamente, ligado ao modo de vida, as festividade e danças se encaixam em potencialidades culturais ao turismo da comunidade Kalunga.

Dentro da comunidade Riachão e as demais vizinha (Tinguizal e Contenda) possui cachoeiras, águas termais, rio Paraná. Mas além desses possíveis atrativos turístico na

comunidade são realizadas aproximadamente 10 festas religiosas, anualmente em todo território, tendo como destaque a festa de São João Batista. Então, acreditamos que exista sim um potencial turístico a ser ofertado, com possibilidades para receber os turistas que possuam o interesse em conhecer paisagens cênicas do cerrado, o patrimônio cultural destacado nas expressões culturais, nas celebrações, nos objetos, nos lugares e nos saberes e fazeres do modo de vida Kalunga, que podem possibilitar o turismo de vivência a quem estiver disposto a experimentar as tradições dos moradores do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga do Riachão.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Constituição Federal. Art. 216: 1988. [Internet] Disponível em; https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp: acesso em 10/01/2019

CHIZZOTTE, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em Ciências**: 2. Ed. _ Petrópolis, RJ: 2008.
CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**: tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: 2007.

CIAMPA, A. C. **A história do Severino e a História da Severina: Um ensaio de psicologia social**. São Paulo: 2001.

FERNANDES, Cecília Ricardo. O que queriam os Kalungas? As transformações no olhar acadêmico sobre as demandas Quilombolas do nordeste de Goiás: Interações campo grande, v.16. Universidade de Brasília-DF: Jul/dez, 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: 2006.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Regularização de Território Quilombola**: Perguntas e Respostas. Educação Patrimonial: Manual de aplicação: Programa Mais Educação / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília: DF, 2013.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas**: Brasília-DF. 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito Antropológico**: 14. Ed. Jorge Zahar Ed. — Rio de Janeiro: 2001.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico**: (2º ed.) São Paulo: Ed. Contexto. 2002.

MIELKE, Eduardo Jorge Costa. PEGAS, Fernanda Vasconcellos. **Turismo de Base Comunitária no Brasil**: Insustentabilidade é uma Questão de Gestão. Turismo em Análise, vol. 24, n. 01 abril, 2013.

MOESCH Marutschka, BENI Mario Carlos **DISCURSO SOBRE CIÊNCIAS DO TURISMO PARA A CIÊNCIA DO TURISMO**. 2004.

OLIVEIRA, Andressa Rodrigues Sensato. SILVA, Carla Holanda da. **Território, Territorialidade e Identidade Territorial**: categoria para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico. Caderno de Geografia, v. 27, n. 49, 2017.

SOUZA, Lourdes Fernandes. **Letramento e história de vida; As memórias de procopia Santos Rosa da Comunidade Kalunga-Riachão Monte Alegre-GO**: Planaltina DF: 2014.

SANTOS, José Luiz dos. **O QUE É CULTURA**. Editora Brasiliense s. a. 9ª edição. São Paulo SP. 1983.

ANEXO

1 Instrumento para coleta de dados (Questionário Semiestruturado).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SÉRGIO
JACINTHO LEONOR
ARRAIAS – CUAR
CURSO DE TURISMO PATRIMONIAL E
SOCIOAMBIENTAL
 Av. Juraídes de Sena Abreu, St. Buritizinho| 77330-
 000|Arraías/TO
 (63)3653-1531
 Email: 34051@uft.edu.br, kelturarraias@uft.edu.br



Inventariação do Patrimônio Cultural: estudo da Comunidade Kalunga Riachão- Monte Alegre-GO

Nome do Pesquisador:	Horário da Pesquisa: Data da Pesquisa:
----------------------	---

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Identificação do morador entrevistado:

Comunidade quilombola:	Município:
Nome do Entrevistado:	Idade: Sexo de nascimento: M () F ()

1. Você se considera

Preto ()

Branco ()

Amarelo ()

Indígena ()

Pardo ()

2. Qual a religião você professa?

Católico ()

Evangélico ()

Matriz Africana ()

Representação Indígena ()

Não tenho religião ()

Outras. Especificar: _____.

3. Identificação da família do morador

Número de moradores na residência: () Número de família por moradia ()

Homens () Mulheres ()

Moradores 0 a 6 () de 7 a 12 () 13 a 18 () 19 a 30 () 31 a 59 () acima 60 ()

Pessoas com necessidades especiais. () sim () não idade () Qual a necessidade especial? _____

Quantas pessoas não são alfabetizadas na sua família? _____

4. **Identificação da moradia** (pode ter mais de uma opção)

Alvenaria () adobe () madeira () palha () pau-a-pique () várias técnicas ()

Número de cômodos () número de quartos () número de salas ()

Não possui banheiro () Possui banheiros interno () Possui banheiro externo ()

Privadas com buraco () privadas com vaso () Ambiente livre ()

Piso de chão batido () cimento queimado () contra piso () piso cerâmica ()

Telhado de palha () telhado de telha de barro () telha de amianto ()

Caixa d'água coletiva () domiciliar ()

Filtro d'água () sim () não

Pia de cozinha () sim () não . Outro especificar: _____

Lavação de roupa: Tanque de lavar roupas () rio () bacia ()

batedouro () Outro especificar: _____.

Outras

observações: _____

5. **Identificação de saneamento**

Possui água encanada () sim () não

Poço/cisterna () poço artesiano () água potável () sim () não

Destino do lixo: Queimado () enterrado () Coleta de lixo () sem destino ()

Esgoto do banheiro: a céu aberto () fossa séptica ()

Energia elétrica () sim () não

Qual a sugestão para destino do lixo na comunidade?

6. **Bens duráveis de consumo**

Discriminação	Sim	Não	1	2	3 ou mais
---------------	-----	-----	---	---	-----------

Automóvel

Motocicleta

Carroça ou charrete

Cavalo/Burro/Mula

TV em cores

Máquina de lavar roupa

Tanquinho

DVD

Videocassete

Geladeira

Discriminação **Sim** **Não** **1** **2** **3 ou mais**

Freezer

Celular

Rádio

Fogão a gás					
Bicicleta					
Camas com colchão					
Redes de dormir					
Camas sem colchão					
Outros especificar					

7. Localização Geográfica da comunidade:

Em relação à sede do município _____ km.

Em relação à capital Palmas _____ km.

8. Dimensão aproximada (em alqueires) da comunidade

9. 1 As terras da comunidade são

() Escrituradas/tituladas.

() Tituladas individual.

() Titulação coletiva.

Outros especificar: _____.

9.2 O que mudou depois da titulação coletiva de parte do território?

10. Cite pelo menos as três maiores dificuldades da comunidade? Em ordem de importância

1ª _____

2ª _____

3ª _____

11. Quais seriam os benefícios (direitos) que você acha prioritário para a comunidade receber?

12. A comunidade recebe algum tipo de atendimento à saúde bucal?

() Sim () Não

Especifique a resposta:

13. Infraestrutura relacionada à saúde:

A busca de atendimento na área de saúde ocorre em que local _____.

Distância da comunidade_____.

Forma de transporte_____.

14. Existe alguma doença que afeta predominante comunidade? Qual?

_____.

Perfil de escolarização

15. Como é o acesso à educação?

() na comunidade. Distância da comunidade/escola_____km

() fora da comunidade. Distância da comunidade/escola_____km

16. Níveis de ensino ofertado?

() Educação infantil - pré-escola

() ensino fundamental 1º à 5º ano.

() ensino fundamental 6º à 9º ano.

() ensino fundamental e ensino médio.

17. Existem outras modalidades de ensino? Quais?

18. Em relação à educação quais são as maiores dificuldades:

1ª _____

2ª _____

3ª _____

19. Do ponto de vista educacional quais seriam os principais benefícios (direitos) que a comunidade precisaria receber? (Citar até 3 benefícios)

1º _____

2º _____

3º _____

LAZER (diversão/entretenimento)

20. Quais as práticas de lazer (diversão/entretenimento) existem na comunidade?

1- _____

2- _____

3- _____

21. Quais os recursos estruturais existentes na comunidade em relação à prática de lazer?

1- _____

2- _____

3- _____

22. Qual seria o benefício prioritário que a comunidade na área lazer (diversão/entretenimento)?

1- _____

2- _____

3- _____

Aspectos econômicos

23. De onde vem o sustento da família:

Trabalho na roça () aposentadoria () programas sociais () coleta de frutos/madeira no mato () venda e produção de artesanato () trabalho remunerado () criação de animais

(..) Outros especificar: _____

24. Renda familiar:

Menos de 1 salário mínimo ()

De 1 a 2 salários mínimos ()

De 2 a 3 salários mínimos ()

Acima de 3 salários mínimos ()

25. A venda de produtos produzidos na comunidade é feita de que forma?

A. () Direta (para consumidores que vão à comunidade)

B. () Direta (para consumidores da cidade/sede do município)

C. () Indireta (para atravessadores na comunidade)

D. () Indireta (para atravessadores na cidade)

26. Forma de economia predominante na comunidade?

A. () Agricultura e pecuária/Subsistência

B. () Agricultura/Subsistência

C. () Pecuária/Subsistência

D. () Outras especificar: _____

27. O que a comunidade produz que ajuda na renda familiar? (Farinha de mandioca, bolo, artesanato, óleo de coco, doce,...)

28. Quais são as principais dificuldades enfrentadas pela comunidade na área agrícola?

1- _____

2- _____

3- _____

29. Qual seria o benefício (direito) prioritário a ser recebido pela comunidade na área agrícola?

1º _____

2º _____

3º _____

30. Criações existentes na comunidade:

A. () Bovino/quantidades aproximadas _____

B. () Aves/quantidades aproximadas _____

C. () Animal de serviço/quantidades aproximadas _____

D. () Caprinos/quantidades aproximadas _____

E. () Ovinos/quantidades aproximadas _____

F. () Outros especificar: _____

MEIO AMBIENTE

31. Qual o nível de conservação do cerrado na região e no entorno da comunidade:

- A. () Muito conservado
- B. () Razoavelmente conservado
- C. () Degradado
- D. () Não sabe responder

32. A conservação do cerrado é de interesse da comunidade?

() Sim () Não. POR QUE? _____

33. Como se dá a relação de conservação do cerrado (meio ambiente) e atividades produtivas na comunidade?

34. Quais são as ações prioritárias na conservação da área do cerrado a serem desenvolvidas na comunidade?

1ª _____
2ª _____
3ª _____

POTENCIAL PARA GERAÇÃO DE EMPREGO/RENDA

35. O que vocês acham que ajudaria a gerar emprego e renda na comunidade?

1º _____
2º _____
3º _____

36. Já existe coleta de sementes e frutos do cerrado na comunidade?

37. Você acha possível a comunidade conseguir renda com a coleta de sementes e frutos do cerrado?

38. A comunidade possui associação registrada?

() Sim () Não

Se sim qual: _____

39. A comunidade possui líderes ativos internamente?

() Sim () Não

Quem são eles? _____

40. Quais são as principais dificuldades da comunidade no que diz respeito à organização interna e busca de benefícios?

1º _____
2º _____
3º _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

41. Quais seriam os cursos de formação profissional que a comunidade mais desejaria receber?
Prioritariamente:

- 1º _____
2º _____
3º _____

TRANSPORTE

42. Quais são os meios de transportes mais utilizados, a frequência e o valor pago pela comunidade

- 1º _____
2º _____
3º _____

CULTURA

43.1 Quais eram as festas que existiam na comunidade? (Religiosas e não religiosas?)

43.2 Quais as festas que a comunidade ainda pratica?

43.1 Quais as danças que a comunidade praticava?

44.2 Quais os momentos aconteciam essas danças?

44.3 Quais elas ainda praticam?

44.4 Quais os instrumentos eram utilizados nas festas e nas danças?

44.5 Quais ainda são utilizados?

45.1 O que era oferecido de alimentação nesses momentos?

45.2 O que hoje vocês oferecem?

46. Quais eram os ofícios ou saberes, que existiam na comunidade? (Adobe, material com palha, com madeira, entre outros).

47. O que a comunidade produzia de objetos artesanais?

48.1 Existia parteira?

48.2 Quem eram as parteiras?

48.3 Hoje ainda existe parteira?

49.1 O que é a vigia?

49.2 Como era a vigia?

49.3 Como ela acontece hoje?

49.4 O que mudou?

50.1 Quais as brincadeiras que existiam na comunidade?

50.2 Quais ainda existem?

50.3 Vocês lembram das cantigas de rodas?

50.4 Pode cantar uma cantiga?

51.1 Quais eram os lugares de referência da comunidade?

51.2 Quais são hoje os lugares de referência?

52.1 Quem produz as letras e as músicas dos cantos de folias e de outras manifestações da comunidade?

52.2 Podem cantar algumas para registrarmos as letras?

53.1 Quais eram os locais que vocês utilizam para banhar?

53.2 Para pegar água?

53.3 E quais são os de hoje?

54. Você gostaria de deixar alguma sugestão?